Memorias

Diario do correr da penna

Vol.

F-I

Memorias

Diario do correr da penna

Vol.º

UNIVERSIDADE ✿ LIVRARIA DA

F - I

I - 3

۱۹۶۰

Property of the Library of Congress

WASHINGTON

«... eu vou ter a impudência
de falar de mim.»

Camilo Cast.º Branco: Duas
horas de leitura, 3.ª ed.ão, pag. 88.

Tolh. 1600/1676

12 - N.º

— 1948 —

Paz: Mafra.

Outubro: 3

Fiz hoje, ou faço, não sei bem, trinta e nove anos! É já uma conta calada e um número exquisito.

Fumei um charuto Bluffmann para celebrar a data. No concelho houve corridas de bicicletas que movimentaram centenas de carros. Um delírio.

E por muitos e bons...

Paz: Mafra.

Outubro: 4.

No jornaleco de Coimbra O Despertar, no seu nº 318 de 2 do corrente, vinha notícia uma local relativa ao caso da Torre de Al-

medina mais ou menos indicada para a séde da Soc.ed.e de Defesa e Propaganda. A local diz, prudentemente, que «é de esperar q. "em breve se consiga dotar a Soc.ed.e (...) com "uma séde condigna...»

A Torre de Almedina já não é, pois, indicada. O P.e Nogueira Gonçalves dava-me a entender, nas cartas, bem como o Costa Rodrigues que havia contra-mina. Seria, positivamente, deliberação destes dois junto do governador civil — e ainda bem. O Padre até me dizia, ha dias, que ainda se não sabia quem seria o ultimo a rir.

No mesmo num.o de O Despertar, o ilmo Sr Octaviano responde á carta do Albertino Marques. Guardo o respectivo recorte junto dos outros referentes á Escola Livre. E' claro que o mariola do Octaviano trata mal o Albertino e, embora o considere bom artista, não lhe liga importancia. Confesso-lhe que a impressão de que não gostou do protesto. E' possivel.

Se houve mudança com a mudança da Soc.ed.e de Defesa e Propaganda, a local que citei acima mostra que ela ficou sem efeito e deste mau resultado é que virá o bom de

desdem e superioridade da resposta que o Octaviano dá ao Alberico Marques.

Misterios, misterios.

Paz: Mafra.

Outubro: 5.

Dia de recolhimento e meditação. Passei-o mal humorado e incomodado fisicamente. Desabafei numa carta ao velho amigo Dias Monteiro. São 10 h. da noite.

Aqui vai a carta:

«... Este dia 5 de Outubro é proprio para meditação e para exame de consciencia... Em regra, passo aqui esta quadra e como estou isolado e me não chega o tumulto da cidade e da vila, venho tempo para meditar e pesar com os meus botões se, por acaso, eu posso sentir na consciencia o pêso de qualquer remorso — isto é: se na minha insignificante vida politica eu acarretaria qualquer pedra, por pequena que fosse, para o grandioso edificio deste soberbo Estado Novo.

É possivel. Não quero isentar-me de culpas e não desejo lançar para os outros to-

das as causas de malefícios; tenho a grandeza de animo capaz de tomar qualquer responsabilidade que me possa caber e a serenidade p.ª aceitar a punição que, diga-se com verdade, tem sido bem merecida

« A ligeireza de juizos, certas vaidades de gente moça, desconhecimento dos adversários, a pouca cultura historica, um conjunto de circunstancias que perturbava a visão serena dos sucessos que não deixava prever o dia seguinte — tudo isto contribuiu para a derrocada da construção mais ou menos idealizada, derrocada que muitos desalentados dizem ser dos Principios quando afinal só os Processos a causáram ou, para falar mais claro, os homens que á ideia da Politica só ligam a do Interesse proprio, sem qualquer pensamento medianamente elevado.

« Tudo isto foi hoje têma de soliloquios e aqui estou agora, cerca das 23 h. a lançar uns vagos considerandos no papel enquanto na vila um ou outro foguete de morteiro me deixa na duvida se são os poderes publicos que celebram o anniversario do regime ou se qualquer grupo desportivo festeja uma vitoria de ponta-pé.

«Uma tristeza. E para remunerarmos vos como o quer, todo este descalabro de ideais, de caracteres e de costumes, torna-se muito possivelmente maior do que realmente é e acumula-se em mim um peso de mau humôr e cepticismo que dificilmente sacudirei.

«Para onde iremos? Que será que se forja neste alto-forno de ambições, de interesses e de incompreensão? Fechêmos as eclusas como dizia o Pe Manuel Bernardes, pelo erro de memoria. Desculpe as lamurias dum isolado e mal humorado; mas nesta Paz, que quer que se seja?

«E aqui lhe fica este aparente paradoxo.

«Recebi o In-Memoriam (1). Folheei-o apenas; o aspecto geral é bom; vou lê-lo com vagar para agradecer a oferta com consciencia. Desejo-lhe a melhor saude, etc.»

Paz: Mafra.

Outubro: 10.

Mais outra achêga para a historia da Escola Livre das Artes do Desenho. No jornal O Despertar, nº. 3188 de ontem, vem a notí-

(1) Do Sebastião Teles.

cia que aqui deixo colada e que é mais outra garotice do Octaviano de Sá. O Albertino Marques fez mal em dar sorte; mas o comentario que aí fica não deixa de ser garotice de quem nunca perdeu os habitos do melho Povo de Santa Clara, de muito baixa memoria.

Uma atitude

O sr. Albertino Marques, distinto artista de ferro, em virtude daquilo que se escreveu nesta Secção, de exclusiva responsabilidade do seu autor, e como resposta a uma sua carta, deixou de ser assinante deste jornal

Aqui está mais um motivo de ordem particular a evitar-lhe despesas, como aquele para não ser sócio da Escola Livre das Artes de Desenho.

E' possivel, porem, que o episodio fique por aqui.

— x —

Hoje recebi mais um convite da direcção da Revista Militar para reunião no proximo dia 12. Não irei por motivos léves q. aliás não poderei facilmente remover.

Irá carta justificativa e tambem outra agradecendo o In-memoriam do Sebastião Teles que gentilmente me ofereceram.

Vai somente agradecimento protocolar pois a critica ou antes comentario, irá directamente para o Pires Monteiro. A este direi com liberd.e o que penso embora reduza bastante a ironia a respeito das dis-

curadas dos generais do Estado-Maior. Guizeram falar dum homem que thes era muito superior e que elles não comprehenderam — mas faltou-thes a corda...

A unica coisa que se aproveita no volume é a fala do Norton de Matos. Este, porem, vem outra estatura.

Paz: Mafra.

Outubro: 22.

Carta ao Pires Monteiro. Lá vai mais uma lenga-lenga, como ele gosta. Seja feita a sua vontade. E desta vez (e mais uma vez) não ficará muito satisfeito.

«.... Recebi o In-memoriam do Sobral dias Teles na occasião em que tambem recebi, offerta da 2ª. Repartição do Estado-Maior, com dedicatoria autographa, um exemplar com as 2as. edições da Introducção ao estudo dos conhecimentos militares e da Fortificação e a defesa do País. Agradeci uma e outra offerta e, aos poucos, fui percorrendo um e outro volume com interesse e boa vontade.

«Foi bom que se commemorasse o centenario e, no meu entender, não temos no

exercito muitos vultos que, pelo esforço de inteligencia culta dessem razão p.ª lhes lembrar o nome. Essa geração nascida nos meados do malsinado sec.º XIX foi, na verdade, uma grande geração e a Revista tomando a iniciativa da evocação dos dois militares mais notaveis saídos dessa pleiade, se procedeu com a mais louvavel das intenções, mostrou tambem o reverso da medalha — que foi a certeza de que, na nossa classe, apesar de numerosa, só apareceram dois...

« Foi pouco.

« O Morais Sarmento teria, talvez, cultura mais variada, mais extensa, possivelmente mais compreensiva, á qual a forma literaria correcta e elegante dava certo brilho; o Sebastião Teles teria cultura mais especialisada, mais profunda e por isso sem grandes preocupações de exteriorização.

« Deste ultimo, porem, é possivel que a obra perdure mais embora muito reduzida em relação á do primeiro. Daquele, fica a impressão dum espirito aberto a variados assuntos, de pena apurada e facil e de certa visão larga dos sucessos; deste, mante

nho a noção duma inteligencia arguta q. se não limitou á superficie dos têmas de que tratou com toda a probidade e procurou desenvolver com interesse critico, mas que, por isso mesmo, produziu obra um tanto ou quanto hermetica que mal roça pela epiderme da quasi maioria dos leitores.

« Sem querer, ia a cair no velho vicio do paralelo quando só quero falar do Sebastião Teles; a pena ia a fugir p.ª campo perigoso e eu vou reduzir os meus comentarios.

« A meu ver, o In-memoriam e a introdução ás edições do Estado-Maior, comprovam o meu juizo mais ou menos acima exposto. Tirados o discurso do Norton de Matos e a sua conferencia, o que fica?

« Compreenderam os autores das outras peças o valor da principal obra do Sebastião Teles? Em que se resumem todas as largas tiradas impressas, escritas em louvor do general? Será necessario trazer tanta legislação e dados de organica militar para provar a projecção da notavel Introdução ao estudo dos conhecim.tos militares? Será necessario fazer um mau e fastidioso resumo da obra capital para no fim se con-

cluir o contrario do que a propria obra se esforça por demonstrar?

«Com franqueza, sem querer passar a pá limpa, fica-se um pouco desolado ao verificar a insuficiencia.

«E' interessante, como documento biografico, o artigo do brasileiro Lopes acerca da vida politica do general; mas é, simplesmente, um documento biografico.

«O que fica de bom é o discurso pereno, proporcionado e compreensivo do Norton e a sua conferencia a que já me referi em carta e que é trabalho consciencioso, igualmente compreensivo e sem os exageros q. sempre aparecem quando se quér homenagear alguem. E querendo o Est.º Maior chamar a si a principal comemoração, provou, afinal, que não estava á altura de compreender a figura comemorada; foi necessário q. um militar reformado e um outro da reserva viessem salvar a situação.

«Para o meu ponto de vista sobre estes assuntos, confesso, com pontinha de vaidade, que gostei. Parece que se comemorava não o homem ilustre que deixou obra de projecção mas sim, e simplesmente, um ofi-

cial do Estado-maior — Vasco Carvalho se faz ao redor do Corpo respectivo! Isso causou-me estranheza como se, fóra do Estado-maior, não houvesse alguem capaz de levar a tarefa e como se o Sebastião Teles se não pertencesse ao Corpo, não fosse capaz de escrever a Introdução ao estudo dos conhecimentos militares.

«São estes os meus reparos; e relendo-os aqui, talvez possam dar qualquer impressão de azedume. Mas apesar, com franqueza, custa-me a rasgar esta e escrever outra carta e de certo o meu Am.º vê nas minhas palavras simplesmente sinceridade — neste momento agravada por incómodo de saude que me traz razoavelmente mal humorado. O tempo desabrido ajuda o mal estar e ainda por cima a circunstancia de ter tirado os dentes q. me restavam e que apora me deixam desdentado, como velho caído.

«Antes de regressar a Coimb.ª passarei uns dias em Lisboa e irei vê-lo, embora rapidamente. Estou já desejando a minha casa onde só me sinto bem e fóra da qual, afinal, me vejo condenado a viver. E assim seja, por emquanto. . . — Etc.»

— x —

Hoje, 22, faço 40 anos de casado e arranquei os últimos dentes. O sucesso é quasi simbolico...

Desdentado! E assim andarei uns quantos até que o medico-dentista haja que se poderá meter na bôca a nova dentadura.

E não fui-de eu mostrar a má vontade ao Estado-maior? O Pires Monteiro é capaz de se melindrar, mas eu tenho o cuidado de me referir ao E.M. oficial, isto é, aos cavalheiros que neste momento possuem os grandes segredos da Guerra e da Paz — e em especial a esse chefe do Estado-maior-general chamado Barros Rodrigues ha pouco chamado a Londres para altas conferencias e que é primo co-irmão do celebre conselheiro Alves Pacheco...

O Barros Rodrigues!... O grande Barros Rodrigues!... oh! o immenso Barros Rodrigues!... Basta, co'os diabos.

Ponhâmos ponto por hoje.

Com tempo desagradavel como o de hoje e desdentado... não se póde dizer bem de ninguem.

Paz: Mafra.

Outubro: 24

Afinal, depois de pensar e ponderar, resolvi não mandar ao Pires Monteiro a carta que atraz ficou copiada. Não sei quem foi o moralista que disse que os favores conquistam os amigos, a verdade afasta-os.

Não vá eu desgostar o bom Pires Monteiro cuja mentalidade acentuadamente militar com a agravante de pertencer, com orgulho, ao Corpo do Estado Maior poderia encarar desagradavelmente com os meus comentarios tão livres.

Fica registada e ... pronto.

Lisboa.

Novembro: 2

Dia dos Fieis-Defuntos. É possivel que muita gente, neste dia, pense a valer nos seus mortos e tenha recordações sinceras do passado. No entretanto, nesta capital do Império o que hoje vejo é o alarde das flores, a corrida aos cemiterios com certo ar de festa embora se afivele, compungidamente, a mascara da saudade e da dôr. A comédia é evidente e não deixa de ter, como verda-

deira comedia que é, o seu sabor. Lembrar os mortos por imposição do calendario, é verdadeiramente saboroso.

E é nestes dias que se faz o peditorio p.º auxilio do combate ao cancro. Porque é nestes dias? Não é tambem coincidencia com algum sabôr? Conta-se, como dizem, com as impressões dolorosas do dia de finados; mas onde estão essas impressões dolorosas que eu não vejo na multidão que corre aos cemiterios, afinal, como se fosse para uma festança?

Lisboa:

Novembro: 3

Leio nestes dias nos jornais certas noticias que me merecem notação.

Por ex.º: em Monte-Real, junto de Leiria, foi inaugurado um aerodromo; muito bem, não ha que dizer. No acto da inauguração com todas as entidades oficiais, em especial as militares, comparece o bispo de Leiria que foi benzer a capela — uma capela como objecto de primeira necessidade...

Nos discursos fizeram-se afirmações curiosas de caracter religioso; o ministro da

Guerra, o ilustre Santos Costa, afirmou na discursata que era subdito reverente da Igreja catolica, etc. etc. Ora a que proposito veem a Igreja catolica numa inauguração de aerodromo? Cada vez o Estado Novo se submete mais á Igreja e cada vez mais a dita Igreja exerce pressão á politica do Estado. E continuará.

Outro caso: o ministro da Educação de Espanha veio a Portugal assistir á pessão solene, em Coimbra, commemorativa do centenario do jesuita Suarez. Discursou, e no discurso em que evocou Deus como inspirador da luta civil que expulsou a Republica, e com considerandos varios não só se fundados na obra de Suarez (que não conheço) concluiu que nos Estados a soberania não veem do Povo nem dos Governos, mas sim de Deus, como fonte de todo o poder e inspirador e director de todas as acções dos homens.

De modo que (e para só citar estes dois casos) depois de seculos de luta pela emancipação do espirito, pela liberd.e individual e pela tolerancia, ouvem-se coisas destas e ditas oficialmente, com toda a solemidade

e, segundo os jornais, aplaudidas com veemencia.

Onde irêmos parar?

Paz: Mafra.

Novembro: 8.

Ontem, em Lisboa, encerrou-se ruidosamente a exposição das Obras Publicas. Houve sessão solene a que, contra o costume, mestre Salazar presidiu e no fim da qual deitou discurso.

De toda a discursata, achei curioso arquivar o passo que aqui fica — que revela sinceridade que não está nos habitos desta gente q. governa.

> Não me proponho discutir se em tudo atingimos a perfeição — ela não será nunca porventura materializada na obra do homem — sendo, porém, lamentável que não legássemos, não digo orgulhosamente *um estilo*, mas *uma maneira* bem portuguesa e bem actual, isto é, que através do imenso volume de obras que realizámos não ficasse bem vincado, contrastando com a ameaça materialista, o sonho de uma época e de uma geração de sacrifício e trabalho intenso, impregnada de nacionalismo, de solidariedade humana e de espiritualidade.

Seria propositada a confissão ou saiu sem ele querer? E' certo que o cavalheiro não costuma dizer o que lhe não convem ou que ~~[illegible]~~ possa representar fraqueza e até franqueza; de modo que estranhei o passo que não deixa de ter algum interesse.

É claro que o que aí fica, num período só, presta-se a comentários que levariam longe; mas a principal conclusão é que os homens verificam a incapacidade de crear uma maneira na arquitectura, qualquer coisa que se emparelhasse com o manuelino, o joanino, o pombalino... Depois de tanto barulho, não deixam nas obras nada de «solidariedade humana» ou de «espiritualidade.»

O homem, quero crer, que se arrepanderia da frase se é que ela não tem qualquer intenção reservada que eu não atinjo. Com creaturas daquele jaez, nunca se sabe bem o que lhe vai por debaixo de frases na aparencia banais. Contudo, o ministro da Guerra fartou-se de dizer que vivêmos na era de Salazar, uma especie de paz octaviana em que surgem monumentos que brilham para encobrirem a podridão dos alicerces.

A solidariedade humana! a espiritualidade! Como não ha responsabilidade de tais afirmações quando a sociedade está cada vez mais corrupta e ainda ha presos politicos sujeitos a torturas! O que valerá um Estadium monumental ou uma barragem

grandiosa, garante o tormento infligido a qualquer preso político e a censura rigida á liberd.e de expressão do pensamento? O que valerá toda essa magnificencia apresentada em exposições, nas quais se gastaram rios de dinheiro, garante a omnipotencia do António Ferro, poder absoluto de toda a especie de coação á mais elementar liberd.e de pensar?

Assim como no tempo de Augusto, se vai lançando á população esse veneno do divertimento e da propaganda inteligentemente orientada; e o País vai adormecendo com a musica agradavel e caindo pacificamente no marasmo necessario p.a a continuação da Obra com maiuscula, da Grande Obra da Reacção.

Paz: Mafra

Novembro: 9.

Hoje ha reunião da direcção da Revista Militar. Poderia ir, mas não me resolvi ao sacrificio de mais uma ida e volta a Lisboa.

Isto de pertencer a uma direcção e não se viver na terra onde está a séde, só na Revista Militar e com a boa vontade do velho

amigo Pires Monteiro... Não the tero, evidentemente, a mal; mas não faz grande reparo.

Paz: Mafra.

Novembro: 10

Afinal, apesar de todos os protestos feitos ontem de manhã, sempre fui a Lisboa á reunião da direcção da Revista. E a verd.ª é que, se eu não comparecesse, não haveria numero.

Logo de entrada, recebi a noticia da doença do Pires Monteiro: um esgotamento cerebral, consequente do m.to trabalho, a desgostos intimos com a doença da esposa e a ausencia da filha casada, actualm.te na India; imposição de repouso absoluto e substituição na gerencia da Revista. Um rosario desagradavel de razões que me incomodou bastante, não só por ser amigo dele como por verificar que não vale a pena o sacrificio que se faz com sinceri.de e sem o verdadeiro reconhecimento dos outros.

Pobre Pires Monteiro!

Na sessão resolveram-se assuntos de mero expediente e de administração; tra-

Vai-se da substituição do Pires Monteiro que valer irá recair no coronel de Engenharia José dos Anjos, proposto pelo Raul Esteves. O nome é bom; o homem tem méritos e é desembaraçado e honesto; mas como é creatura do Esteves não sei se será reaccionario, o que fr. a Revista é caso em pouco tiendo.

Mas o principal valer seja o ele poder substituir o Pires Mont.º, substituição difícil e que, segundo lá foi declarado, recairia em mim se eu tivesse em Lisboa.

Outro assunto que foi ligeiramente tratado e me pareceu arredado: a creação duma Academia Militar de que a Revista passaria a ser o orgão. Eu achei a ideia (que por via do Hermes de Oliveira em proposta á direcção) muito para atender; mas a proposta foi entregue ao general Ferreira Passos para a estudar — e parece que este não concorda e naturalmente a abafará.

Porque foi a proposta, antes de admitida a discussão, na sessão ordinaria, entregue ao Ferreira Passos? Este compreenderia ou atingiria bem a intenção do proponente? Ficou de reserva por causa da má vontade

do Santos Costa que poderia pôr embargos com receio de se formar assim um nucleo de resistencia liberal?

E' possivel. O caso é curioso e não o perderei de vista.

Um outro assunto tratado e que me deu nas vistas: a administração deu conta de q. ha uns sete contos e tal em divida, de recibos de assinantes... Quer dizer: cerca de 45% dos assinantes não paga! Os recibos veem constantemente devolvidos com variados subterfugios. Singularidades da classe militar...

Sete contos, em recibos, por pagar!

... E o Exercito é, como agora se afirma, o expoente da dignidade nacional...

Paz: Mafra.

Novembro: 13.

Recebi hoje o 1º numero da revista Terras do Mondego, ideia e realização do Rocha Madaíl. O numero vem bom; boa apresentação, boa e variada colaboração, etc.

Mas o Madail teve de revelar a sua velhacaria: ninguem foge ao que é conforme o dito de Horacio. Na secção memoranda

no & dedicado á memória de recentes centenários de conimbricenses ilustres, referindo-se ao de António Alberto Gonçalves como um dos mais dignos de ser celebrado; e termina por dizer: «Será necessário proclamar que a data memorável não foi de cair no esquecimento em que as demais se perderam? Teem a palavra a Camara Municipal, a Universidade, a Escola Industrial de Brotero, a Associação dos Artistas — a cidade inteira.»

O velhaco quererá insinuar que só ele se lembrou do centenário? O velhaco finge ignorar os esforços há tanto tempo feitos pela comissão que ele conhece muito bem, mas que quer mostrar ignorar.

Tortuoso como um corvo.

Terei de tomar qualquer atitude para esclarecer afirmações. E ainda há quem tenha dúvidas acerca da sua lealdade?

Coimbra.

Novembro: 16.

De novo em Coimbra, finalmente. E já hoje, pelo Alvaro Viana de Lemos, soube que o Madaíl não desiste de saber duas

coisas importantes a respeito do Antonio Aug.º Gonçalves: se pertenceu ou não á Maçonaria e se usava ou não chinó.

Para a primeira duvida já ele me disse velhácamente que seria interessante provar-se que a fundação e influencia da Escola Livre se deviam á acção da Maçonaria do tempo. E o que me parece curioso é ele, Madail, conservador e catolico praticante, ter interesse em fazer tal prova... A não ser que seja com o fim de tornar, á sociedade de hoje, mais antipatica a figura do velho Gonçalves e a acção da Escola.

Com tal creatura tudo é admissivel. Para a 2ª duvida, a do chinó, parece-me q. só servirá para redicularizar. Que diabo terá a existencia do chinó com o valor do artista, do professôr, do critico de arte?

Enfim...

Coimbra.

Novembro: 17.

Os jornais da terra badaláram já a minha chegada a Coimbra. O Despertar, esse, antecipou-se, pois já no dia 13 dava a noticia que aqui fica colada, por simples

curiosidade e p.ª memoria dos adjectivos amaveis que se lembraram de escrever em meu louvôr. Uma santa gente, esta gente da Imprensa.

PARTIDAS e CHEGADAS

A esta cidade regressou, após a sua permanencia na Quinta da Paz, em Mafra, o nosso respeitavel amigo sr. coronel Belizário Pimenta, um dos mais cultos oficiais do nosso Exército.

-x-

Ora hoje tivémos nova reunião da comissão do centenario de Ant.º Augusto Gonçalves. O tempo aperta. Eis a acta:

«Aos 17 dias... etc. reuniram-se pelas 18 h. na sala das sessões da Associação dos Artistas, os vogais: dr. Antonio da Costa Rodrigues, P.e Ant.º Nogueira Gonçalves, dr. Gumersindo da Costa Lobo, João Machado J.or e Belis.º Pimenta. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. O vogal dr. Costa Lobo deu parte de que a Universid.e não faria manifestação pelo centenario e simplesm.te se faria representar em qualquer sessão q. houvesse de homenagem ao seu antigo professor. O mesmo sr. dr. Costa Lobo e B. P. informáram da deligencia que fizeram em 31 de Julho prox.º passado, em Lisboa, á ca-

sa Molder, para tratar da medalha comemorativa; a deligencia não teve o exito desejado porque a Casa Molder não se encarrega do trabalho sem lhe garantirem, pelo menos, uns dez ou doze exemplares que, em prata custariam cinco a seis contos e em cobre uns uns tres ou quatro. O empregado ou socio Henrique Mantero, com quem falá-ram e que se mostrou interessado, lembrou a vantagem duma deligencia junto da Casa da Moeda onde a medalha se faria com mais economia; como qualquer dos dois vogais não tinha relações com o director ou funcionarios superiores daquele estabelecimento, nada mais se conseguiu, prometendo, porem, o dito Henrique Mantero procurar falar a pessoa conhecida da Casa da Moeda para sondar as possibilidades. Como o escultor Costa Mota não prometeu dar a maqueta da medalha em tempo devido, ficou este caso para ser considerado mais tarde. O vogal B. P. disse que em 21 de Julho p.p. falou com o presidente da Câmara e o encontrou com a mesma boa vontade quanto á sessão solene. O dito vogal referiu, então, que o dr. Reinaldo dos

Santos, em resposta a uma sua carta na qual lhe transmitia o voto da sessão anterior, se excusava de fazer a oração principal na sessão da Câmara e apenas viria em nome da Academia das Belas Artes dizer duas palavras. Perante esta recusa que desgostou todos os presentes, resolveu-se não desistir da sessão da Câmara e que o sr. dr. Costa Rodrigues preenchesse, com a conferencia que projectara acerca de Mestre Gonçalves, a parte principal da mesma sessão — que, com as duas palavras do dr. Reinaldo, as do Presidente da Camara e, posteriormente as do representante da Universidade, ficaria dignamente organizada. Ficou encarregado de fazer a comunicação ao dr. Sá e Oliveira, o vogal R.B.B. e participar-lhe que a sessão se faria no mês de Janeiro proximo. — O vogal R.B.B. justificou a ausencia do sr. Viana de Lemos e informou de que este sr. vai mandar fazer um retrato de Antº Augusto Gonçalves, dos melhores do ultimo periodo da vida, p.ª colocar nos escaparates das livrarias no dia 19 de Dezembro, com algumas palavras impressas a explicar o motivo; e

lembraram que se pedisse ás livrarias [illegible] que junto do retrato se expusessem alguns volumes da Homenagem que se prestou a Mestre Gonçalves em 1922, á qual se pode cem preço razoavel. Os vogais presentes aprovaram e louvaram a lembrança. — O sr. João Machado informou de que procurado o director da Escola Industrial de Brotero, lhe parecen que encontrou neste pr. pouco interesse pela commemoração; no entretanto, solicitou-se do sr. João Machado que novamente o procurasse e lhe dissesse q. contávamos com a colaboração da Escola e que a reputávamos de importancia. Quanto ao cortejo das associações operarias em que se pensára para o dia 19 de Dezembro prox.º, depois de troca de impressões, resolveu-se que limitassemos o começo das manifestações a uma romagem, com caracter particular, ao tumulo de Ant.º Augusto Gonçalves para o que, pelos jornais, se convidariam os amigos, admiradores e antigos discipulos do Mestre; e que apenas um dos vogais da comissão dissesse no momento uma meia duzia de palavras de evocação e agradecimento. — O pr. P.e Nogueira Gonçal

ves falou da exposição das obras principais e mais objectos que interessassem á memoria do Mestre e que pensa realizar na sala principal do Museu Machado de Castro; é de opinião que nessa exposição apareçam apenas as melhores ou mais caracteristicas producções, procurando-se antes a qualidade do que a quantidade — o que foi aprovado com a devida satisfação. Foi ainda tratado o caso da conferencia da Senhora D. Genoveva de Lima Mayer, em Lisboa, no Museu de Arte Antiga para a qual o seu director, dr. João Couto, deu plena aprovação. Ficou o sr. dr. Costa Rodrigues encarregado de solicitar daquela distinta senhora a colaboração que daria valor e brilho ás comemorações. Foi ainda resolvido que se solicitasse á Casa de Coimbra em Lisboa qualquer acto comemorativo e que a proxima reunião fosse no proximo dia 23, no mesmo local e á mesma hora. E não havendo mais nada, etc.»

E aqui está no que vai dando todo o nosso plano, arquitectado com tão boa vontade. Voámos, na verdade, um boca

do alto, convencidos de que não cairiamos. Vamos a ver, porem, se se salva alguma coisa, embora pouco, mas que corresponda ás intenções.

Coimbra.

Novembro: 20.

Hoje mandei um oficio em nome da comissão do centenario do Gonçalves á Casa de Coimbra em Lisboa lembrando que no prox.º dia 19 de Dezembro passa o 1º centenário do nascimento daquele ilustre conimbricense e que talvez a instituição queira celebrar a data condignamente.

Foi apenas um aviso amavel. Os naturais de Coimbra q. habitam Lisboa, como bons conimbricenses, teem andado ás turras uns com os outros e de certo nada farão. Mas o principal é que se não dissesse que não tiveram conhecim.to do que estamos a fazer.

Coimbra:

Novembro: 29.

Desde 24 que uma grippe me obrigou a estar na cama. Na vespera houve reunião da comissão do centenario a que compareci

por honra da firma; já me sentia mal. A acta vai adeante, mas antes do rascunho, deixo consignado mais um caso que diz respeito aos «centenaristas.»

Ha dias, foi o Madaíl que na sua nova revista gritou que era necessario não esquecer António Aug.to Gonçalves; agora, no Despertar, de 24 deste mês, o ourives José Vieira Machado apela para a Escola Livre das Artes do Desenho com o fim de, ao menos, no dia 19 de Dezembro prox.o, os seus associados vão ao cemiterio «espalhar as flores da sua saudade» no tumulo do Mestre.

Ao ler isto, pensei se o Machado procedia de boa-fé ou dava lição encomendada por qualquer mariola. E para se admitir a hipotese de aqui entrar mariola, teremos de pôr o dêdo em qualquer destes dois: ou o ilustre Octaviano de Sá ou o não menos ilustre Rocha Madaíl.

Quero crer que o Machado não escreves-se o apêlo por maldade;[1] mas admito muito bem a insinuação amavel, a censura discreta ao abandono do centenario, etc. etc. E pó-

---

[1] O apêlo fica colado no fim do vol.o, pag. 359.

de ser também que, da minha parte, isto não ja exagero de suspeitas ou preocupação de perseguição...

Tudo póde ser neste mundo tão divertido...

Agora, vamos á acta:

«Aos 23 dias... etc. na sala da Associação dos Artistas de Coimbra, pelas 18 h., reuniram-se os vogais Alvaro Viana de Lemos, dr. Cumersindo da Costa Lobo, Lourenço Chaves Almeida e Belis.º Pic.ra. Justificou telefonicamente a falta o sr. João Machado J.or — Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior, com a rectificação proposta pelo sr. dr. Costa Lobo, á maneira como ficou exarada, a fls. 14 v.º, nas linhas 8-11 da mesma acta (1) a informação que deu respeitante á Universidade não fazer qualquer manifestação especial, pois o Senado universitario encarregou a Faculd.e de Ciencias de atender ao assunto e esta é que depois de o ponderar resolveu fazer-se representar em qualquer ce-

---

(1) Corresponde, neste volume, ás linhas 17-21 da pagina 24, nota do dia 17 de Novembro p.p.

rimonia ou pessão de homenagem que se prestasse ao seu antigo professor. O vogal sr. Lourenço Chaves Almeida informou de que escreveu á sr.ª D. Vera de Lima e de que o sr. dr. Costa Rodrigues na sua próxima ida a Lisboa procuraria aquela senhora para pessoalmente fazer o pedido; o mesmo vogal referindo-se ao aparecimento do primeiro número da revista Terras do Mondego e á notícia que vem a pag. 82-83 relativa ao centenario, deseja que fique na acta o seu profundo pesar contra a maneira como essa notícia está redigida pois o sr. Madaíl ha muito conhece os nossos esforços para realizar condigna comemoração; acrescentou ainda o mesmo vogal que todas as obras que possuí do Mestre Gonçalves estão á disposição do sr. P.e Nogueira Gonçalves para a exposição projectada. O sr. Viana de Lemos informou de que o fotografo sr. Pereira Fontes se prontificou com entusiasmo a fornecer retratos do Mestre que fossem necessarios bem como quaisquer fotografias de que possuisse negativos; e informou tambem de que o professor e artista sr. José Contente aceitou o seu convite para dese-

nhar um retrato de Mestre Gonçalves para ser exposto em qualquer livraria. O vogal B. P. disse que em 19 do corrente estivera com o sr. presidente da Câmara a quem expôs o que ha feito e o que ha projectado; o sr. dr. Sá e Oliveira concordando com a exposição feita, continuou a prometer todo o seu auxilio e resolveria o caso da sessão solene na proxª sessão de Câmara que se realizaria em 25 deste mês. O mesmo vogal contou que na semana se avistara em companhia do sr. Alvº Viana de Lemos com o director da Escola Industrial de Bro-Vero que lhes disse que o Conselho escolar resolvera fazer uma sessão solene comemorativa do centenario na qual se inauguraria um busto de Antº Augº Gonçalves pª a sala dos professores executado por um deles. Os vogais presentes congratularam-se com estas noticias. O sr. dr. Costa Lobo lembrou uma antiga ideia desta comissão: a de uma lapide comemorativa na casa em que Mestre Gonçalves morreu; ficou de se falar no assunto quando estivesse presente o sr. João Machado. Foi ainda lembrado que se solicitasse do sr. Pe Nogueira

Gonçalves uma palestra na Sé Velha acerca da restauração do templo, considerada um dos mais altos trabalhos do Mestre. E não havendo mais nada para tratar, resolveu-se que a prox.ª sessão seja no proximo dia 3 de Dezembro no mesmo local e á mesma hora. E encerrou-se esta de q. se lavrou etc.»

Coimbra.

Dezembro: 3

Hoje era dia de reunião da comissão do centenario como se combinou na ultima. Não houve, porem, numero para se poder fazer sessão.

E estamos a uns 15 dias do centenário... Desinteresse?

Coimbra.

Dezembro: 4

Hoje mandei para o director-gerente da Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira, João de Sousa Fonseca, uma carta a lembrar que na letra O se não esquecessem dos poteres fabricantes de louça de barro vermelho de Miranda do Corvo quando

tratassem de Oleiros e Olarias. E mandava-lhe uma nota com o nome dos meus trabalhos sobre o assunto.

Os homens da Enciclopedia são capazes de [redacted] rir. Mas não importa.

Coimbra.

Dezembro: 7

Hoje, mais uma sessão de direcção da Revista Militar. Faltarei, é claro; ir a Lisboa só por isso é forte demais. Mando cartinha com justificação e pronto.

Coimbra:

Dezembro: 8.

O Sousa Fonseca, da Enciclopedia, respondeu logo e convidou-me para fazer o artigo Olaria «sob os pontos de vista oficial, etnografico, etc.»

Se o soubesse fazer, fazia-o da melhor vontade. Mas não sei. Declinei o convite e dizia: «... p.ª tratar do assunto com consciencia, faltam-me bases; conheço ligeiramente o assunto mas insuficientemente para artigo didactico.» E acrescentava: «... teria de ir estudar o assunto quasi des-

"de o começo e isso não só é incompati-
"vel com o tempo q. falta como tambem
"com a vida que levo no momento cheia de
"preocupações e trabalhos." E de novo lem-
brava os meus oleiros de Miranda do Corvo
que não queriam ficar esquecidos.

Etc. etc.

Coimbra

Dezembro: 11.

O centenario de Ant.º Aug.º Gonçalves
entrou na fase de publicidade. Outem foi
a Emissora Nacional que deu sinal; vê-se
que o Padrinho Maura e Sá cumpriu a pro-
messa. Hoje, a Emissora continuou com
identicas e anuveis palavras.

Os jornais já começáram a falar com
simpatia e, na verd.e, não sei como isso
se conseguiu.

O Madail parece que ainda mais ou me-
nos furioso; apara não tarpa o dr. Guime-
rando Costa Lobo para saber coisas... Lá
viu que os outros rogais não lhe dáram
conversa e voltou-se para este que julgou mais docil. Ele não contaria com o resultado conseguido, embora modesto.

Nestes dias tenho andado em perfeita dobadeira. Dos sete vogais da comissão afinal sou eu quem só quasi trabalha e se remexe. O Diario de Coimbra pede-me umas palavras para acompanhar o retrato que quer publicar do Gonçalves, na 1ª página do seu numero do dia 19. O Alvaro Ferreira, da Tipografia União, pede-me para dar prosa para um opusculo que quér editar em homenagem no dito dia 19. O Caetano Reis acedeu ao pedido para a Seara Nova comemorar o dia, mas... que remede eu o arripio!... E assim por deante.

Não pode ser. Como poderia eu escrever tantos artigos sem me repetir?

O dr. Costa Lobo até se recusou a lêr a oração no cemitério no próx.º dia 19. Eu é que sou a pessoa propria, disse ele.

Ele. ele.

Coimbra.

Dezembro: 14.

Ouvi, nove pessoas da comissão do centenario — que é a ultima antes do começo das comemorações. Segue a acta:

«Aos 13 dias . . . etc. na sala das sessões da Associação dos Artistas de C.bra se reuniram pelas 18 h. todos os vogais da comissão, tendo-se retirado a seguir á abertura da sessão, por incomodo de saude, o sr. P.e Nogueira Gonçalves. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Estando presente o sr. engenheiro António Augusto da Silva Pinto [redacted] filho do falecido arquitecto Silva Pinto e admirador de Mestre Gonçalves para quem ainda convinham, declarou que veiu junto da comissão dar todo o seu apoio aos nossos propositos e oferecer os seus prestimos. Nestes termos entendeu a comissão que o devia convidar não só a fazer, de hoje em deante, parte da mesma como tambem a proferir uma conferencia acerca das relações de seu illustre Pai com Ant.e Aug.o Gonçalves e da acção que os dois tiveram em muitos passos da vida no sentido da educação artistica das classes trabalhadoras e da conservação dos monumentos. O sr. engenheiro Silva Pinto aceitou os dois convites. — O vogal B.P. deu conhecimento do oficio da Casa de Coimbra em Lisboa o qual informa de que se fa-

rá representar nas comemorações pelo sr. dr. Costa Rodrigues. Tratou-se, em seguida, do programa das comemorações que terão de começar em 19 deste mês e ficou resolvido que, neste dia, se realise a romagem ao tumulo do Mestre, pelas 11 horas, para o que se fariam convites nos jornais nos seguintes termos para evitar dificuldades por parte das autoridades: — "No proximo dia 19, Domingo, o Grupo de ami"gos e admiradores q. promove a comemo"ração do 1º centenario do nascimento de "Antonio Augusto Gonçalves, irá pelas on"ze horas ao cemiterio da Conchada depôr "flores sobre a sua sepultura; e convida to"dos os amigos, admiradores e outros dis"cipulos a associarem-se a essa homena"gem comparecendo aquela hora no referi"do local." — Foi aprovada esta redacção que, mesmo assim, será submetida á aprovação do sr. Governador civil que será procurado para esse efeito, amanhã, pelas 15 horas, pelos vogais srs. dr. Costa Lobo, Vi-ra de Lemos, Costa Rodrigues e Belisario Pimenta. Ficou tambem resolvido que no mesmo dia 19 o sr. Laureano Chaves

Almeida faria a sua conferencia na sala da Associação dos Artistas cuja cadencia a direcção já modificou anualmente. O sr. dr. Costa Rodrigues comunicou que ia escrever ao dr. Joaquim Madureira, actualmente no Porto ~~[illegible]~~ pedindo que se encarregasse de uma conferencia ~~[illegible]~~ naquela cidade; a sugestão foi aceite com satisfação e ficou resolvido que se oficiasse ao sr. Joaquim Lopes, director da Escola de Belas Artes do Porto, solicitando o cumprimento da promessa feita ha mêses ao sr. Viana de Lemos, relativamente a uma sessão na Escola, na qual explicasse aos alunos o que foi a vida exemplar de trabalho de Ant.º Augusto Gonçalves. O vogal B.B. comunicou q. o sr. P.e Nogueira Gonçalves aceitara o convite para fazer uma lição na Sé Velha, acerca da sua historia e restauração. O mesmo vogal comunicou que a Tipografia União de Ferreira & Serra ia publicar, como homenagem, no dia 19, um opusculo com retrato de Mestre Gonçalves e algumas palavras em sua louvôr. Ainda o mesmo vogal informou de que todos os directores dos jornais de Coimbra e os correspondentes em

representantes dos de Lisboa e Porto foram procurados e solicitados para colaborarem com esta comissão; e de que todos estes senhores não só acederam á solicitação como, na sua maioria, se mostraram interessados. Foi lido um ofício da Casa de Coimbra em Lisboa no qual a respectiva direcção se congratulava com a comemoração e informava de que seria representada pelo sr. dr. Costa Rodrigues em todos os actos comemorativos. — A comissão notando que esta sessão seria a ultima anterior ao começo das comemorações, trocou impressões gerais acerca do seguimento das pessoas e congratulou-se com o exito relativo conseguido o qual, se não atinge a altura desejada, pelo menos não ensombrará não só os comissionados como, e principalmente, o homenageado. E não havendo mais nada q. tratar, etc.»

Estamos quasi no fim. A historia minuciosa desta empreza seria interessante fazer-se se eu tivesse tempo para isso. Seria excelente documento para a quadra q. atravessâmos.

Coimbra:

Dezembro: 19.

A comemoração centenária começou hoje pela romagem ao cemitério da Conchada.

A romagem não foi grande; mas estavam os velhos discípulos e os amigos considerados fiéis. Estariam 120 a 150 pessoas, não mais; mas o que apareceram, estavam por direito.

Ausência de jornalistas.

A figura principal da assistência foi a do dr. Sá e Oliveira, presidente da Camara. Chegou, solenemente, no seu automovel oficial e o caso deu a melhor impressão.

Outra comparencia que nos deu satisfação: a do escultor Costa Mota, Sobrinho, vindo propositadamente de Lisboa.

Reunidos á porta do cemiterio e passado o quarto de hora da praxe, encaminhámo-nos para o tumulo do Gonçalves; á frente ia o presidente da Câmara ladeado por nós e pelo Viana de Lemos. Depostas as flores em ramos e muitas soltas, por varios assistentes entre os quais umas pequeninas, o Viana de Lemos, em nome da comis

são agradeceu em poucas palavras ás pessoas presentes, tocou ligeiramente nos principais passos da vida de A. A. Gonçalves e pediu, no fim, um minuto de silencio.

Passado o minuto, o artista ourives José Vieira Machado pediu licença e leu uma pequena alocução entusiastica, com certa comoção que na verd.e impressionou. Foi ainda discipulo de Gonçalves e manteve, segundo parece, saudosa admiração. Terminada a pequena alocução ouviram-se uns discretos «muito bem!», «muito bem!»

Eu então olhei para o Sá e Oliveira a cuja esquerda sempre me conservei e disse-lhe, em voz baixa:

— Vee.c não quereria dizer duas palavras?

Ele pareceu não hesitar e respondeu:

— Não tenho duvida.

E avançando para o semi-circulo formado pela assistencia, disse algumas palavras de saudade, verdadeiras e claras, sem negar, no momento, a sua qualidade de presidente da Camara e não esqueceu a Escola Livre a que se referiu com espirito compreensivo, exaltando a sua acção des-

de o início e preconizando a sua continuidade. Causou, em todos, a melhor impressão, tanto mais que se dizia já por aí, maliciosamente, que a Câmara se afastara da comemoração.

Terminadas as palavras do Zé e Oliveira, a assistência dispersou. Nós, os da comissão, acompanhámos lo ao automovel com as atenções do protocolo. Ele, parece que se sentiu satisfeito.

E, vá la! mereceu bem as atenções.

Os jornais, na sua generalidade, falaram da comemoração. Pelo País fora o discurso de Ant.º Augusto Gonçalves resôou melhor ou pior explicado, melhor ou pior compreendido. Mas resôou.

Duas notas curiosas: o artigo do Correio de Coimbra, atribuído ao P.e Luis Lopes de Melo; e o do Sol, de Lisboa, assinado pelo Carlos Olavo.

Este começa por dizer que a Universidade é que devia tomar á sua conta a comemoração — o que causou certo gaudio entre os artistas e deixou (por alguns depoimentos recolhidos mais ou menos confidenciais) os

professores de Ciencias um pouco entalados. O dr. Gumersindo da Costa Lobo ficou algum tanto magoado com o artigo; eu lá o consolei conforme soube, alegando que era apenas opinião pessoal, sem consequencias, etc. etc.

Mas foi bem feito!

O artigo do Correio de Coimbra não está mau se bem que torce o caso ao sabôr das mânhas canónicas (como diria o velho Gonçalves); no fim conta o caso das chaves do chamado Museu das Pratas erradamente. Mas enfim, o jornal orgão do Seminário publicou o retrato do Gonçalves e elevou a sua acção como mentor das artes durante meio seculo da vida da cidade. Já não foi nada mau, vamos lá.

A Emissôra Nacional é que não falou no Domingo Sonoro como o Moura e Sá prometeu. O que haveria? Seria porque alguns artigos como o do Olavo e o do Augusto Casimiro punham em evidencia o espirito republicano, liberal, anti-clerical do Gonçalves? E' possivel. A casta Emissôra não quiz lançar ás ondas hertzianas tão mau exemplo.

1628

Isto foi escrito á tarde; logo teremos a palestra do Lourenço Chaves Almeida.

Amanhã falarei.

Coimbra.

Dezembro: 20.

Antes de mais nada uma rectificação: a Emissora Nacional sempre falou no Domingo Sonoro mas á noite. E' possivel que o Pedro Mauro e Sá que tinha vindo a Coimbra, não tivesse tempo para organizar o programa. Eu não ouvi, mas varias pessoas ouviram e me repetiram.

O seu a seu dono.

A palestra ou conferencia do Chaves Almeida lá se fez na sala da Associação dos Artistas. A' hora marcada apareceu o dr. João Pereira Dias; tive a impressão de que vinha algum tanto comprometido. O artigo do Carlos Olavo sempre daria resultado.

O Lourenço dirigiu-se-me com certa reverencia e disse-me que vinha a representação do dr. Vasco Valente, director do Museu de Soares dos Reis, do Porto; explicou que viera de Lisboa, de madrugada, no rapido

e por isso não chegára a tempo da romagem ao cemitério. Quereria atenuar o efeito produzido pela recusa da Faculdade? E' possivel que sim.

Outro que apareceu como tambem aparecera no cemitério foi o Madaíl, o soberbo Madail que, dizia, apesar de algum tanto constipado não quizera «faltar áquele dever...»

Mas enfim, apareceram.

Quanto á palestra...

O Lourenço Chaves Alm.da já me déra a ler, ha tempo, em uma das minhas visitas á casa dele no Porim, a palestra que agora ia fazer. Eu li-a, com efeito, e achei q. falava de mais na sua propria pessoa e nos seus trabalhos. Disse-o com franqueza e sugeri a sua modificação no sentido de não parecer que se queria pôr em evidencia, deixando o Mestre em segundo plano. Ele pareceu concordar embora dissesse q. para falar da industria artistica do ferro desde a ultima decada do seculo findo, teria de falar dele. As coisas ficaram assim, mas parece-me que não modificou o trabalho como eu mais ou menos indiquei.

O Almeida tem, na verdade, merecimento e o velho Gonçalves tinha-o em muita estima. Mas o Lampadario que está na Batalha tornou-o um pouco vaidoso assim como tambem as relações que adquiriu com essa obra o elevaram no seu proprio conceito. Em Portugal não ha meio termo; como o Lampadario é, de facto, obra de merito, não houve encómios que lhe não dirigissem. Ele, modesto artifice-serralheiro, sargento-artifice do exercito, sentiu-se elevado a uma esfera a que nunca contou subir. Deram-lhe (aliás com justiça) o colar da ordem de Santiago; e ~~ao~~ tudo isso o envaidecen. Os professores universitarios procuravam-no; os generais estendiam-lhe a mão; o poeta Lopes Vieira recebia-o em sua casa como de igual para igual; etc. etc. Antes de começar a sessão segredou-me que trazia o colar de Santiago na pasta e preguntou-me se o poderia pôr... Disse-lhe que so com farda ou casaca. Ele calou-se.

De tudo isto veiu que a palestra q. leu não deixando de ser louvôr ao Mestre, não deixou de ser, tambem, a afirmação da sua actividade artistica e, nesse sentido, pareceu

me pesada de mais. A sala tem pessimas condições acusticas; os electricos passam e repassam constantem.te e o Lourenço leu monotonamente e em voz baixa como creatura que, pela primeira vêz, se viu em tais assádos. A minha impressão foi pois de q. a prosa não se modificára sensivelmente desde a minha leitura no verão.

Depois, houve um incidente desagradavel. Na altura em que se referia á acção do velho João Machado (Pai) junto dos serralheiros, aos quais prestou certa assistencia, qualquer afirmação relativa a um artigo do dr. Teixeira de Carvalho, não agradou ao João Machado, Filho, que estava na assistencia em vez de estar junto da comissão a que pertence e, pouco correctamente, lançou com o seu vozeirão:

— Não é verdade! A forja existiu!

E depois de pedir desculpa ao presidente da mêsa que era o dr. Pereira Dias (que eu entalei com o pedido e que ele aceitou com gosto ou não) o João Machado ainda acrescentou, no mesmo tom:

— Se não foi na oficina, a forja existiu fóra!

O Almeida suspendeu a leitura; não é homem habituado ao público e eu receei que ele se perturbasse. Mas não: a seguir a rápida pausa, continuou a leitura do mesmo modo e no mesmo tom.

No final, o Pereira Dias referiu-se aos Gonçalves com palavras de certa elevação e ao Almeida com louvores pelo depoimento que fez, etc. A palavra depoimento era minha, assim defini a palestra que se ia ouvir quando fiz a apresentação do Almeida.

E pronto.

Quando, na Praça 8 de Maio, eu me dirigia para um eléctrico notei dois grupos que discutiam no adro da Câmara; no maior, ao centro, o João Machado, exaltado, gesticulava; e à volta, havia nas expressões dos q. ouviam a satisfação maldosa de quem pensa que tudo aquilo perturbava a serenidade e elevação da homenagem.

Somos todos assim... E o artista de Coimbra é assim mesmo. Não suporta superioridade — e reconhece no Chaves de Almeida superioridade a q. não consegue chegar.

Coimbra.

Dezembro: 21.

No Diario de Coimbra de hoje vem uma carta do João Machado, a explicar o incidente da noite da palestra, por mera lealdade para com o respeitavel publico que poderia ter estranhado a intervenção. Tenta rectificar o tal passo da palestra mas no fim de contas o que consegue é agravar o incidente.

Aborreci-me com o caso. Tencionava procurar hoje o Machado p.ª ver se abafava a labareda; mas perante a carta desisti porque recêei que ele estivesse ainda exaltado e eu não podesse manter serenidade. Escrever-lhe-ei de Lisboa se estiver bem disposto p.ª isso.

Muito natural e louvavelmente, o Machado quer defender e exaltar a acção do pai que, na verd.ᵉ, foi notavel; mas, ao mesmo tempo, já tenho surpreendido nele certas frazes denunciadoras de algum despeito para com o Lourenço. Porquê?

Reconhecimento do valor do outro? Consciencia de que não sóbe mais do que já subiu?... «Mundo infinito!...» como dizia a Judia do bom Tomás Ribeiro.

Ás vêzes, no decorrer de certas conversas que com ele tenho, surgem-me suspeitas de que está convencido de que o pai foi, não um produto do ensino e encitamentos do Ant.º Augusto Gonçalves, mas em parte um dos factores dos meritos do Mestre. Daqui a má vontade contra toda a subalternização do velho João Machado.

E este, que era bom homem e sincero, tantas vêzes me disse que o que era e o q̃. valia — tudo devia ao «Sr. Gonçalves!»

Coisas do Mundo.

E seja tudo isto p.ª desconto dos nossos grandes pecados...

Lisboa.

Dezembro: 24.

Em Lisboa desde ontem. Passar a temporada de ferias com a Filha, a Neta e o Genro. Mais uma vêz deixo a m.ª casa...

Ora hoje enchi-me de paciencia e escrevi a carta seguinte ao João Machado. Deixo-a aqui copiada por me parecer um modelo... E não digo isto por ironia; a carta saiu-me digna de figurar em antologia... Cá vai para exemplo:

«... Tencionava procura-lo na seg.da ou terça-feira passadas para conversarmos serenamente ácerca do ligeiro incidente dado na conferencia; porem incomodos de saude não me deixáram ir aí e a minha vinda a Lisboa adiou a palestra até aos primeiros dias de Janeiro.

«Desejava conversar um pouco, com calma; como estou a tocar os 70, posso falar aos mais novos com certa liberdade que aliás a nossa amizade tambem consente.

«Creio estar no seu ânimo (porque o conheço) não agravar um ligeiro incidente surgido por impulso natural de temperamento vivo; a sua carta no Diario teria o condão de contentar os maldizentes e aqueles que, por vicio ingénito, vivem do escandalo. Ora pois: não me levará a mal q. lhe ~~[illegible]~~ lembre uma especie de armesticio até se terminárem as comemorações centenarias; com o dize-tu, direi-eu só sofreria a memoria do Mestre Gonçalves em cujo louvôr todos andâmos empenhados sinceramente.

«Desculpe esta m.a sugestão que, estou certo, corresponde ás suas intenções; e co-

não estamos em quadra festiva, aproveito o momento p.ª lhe desejar a melhor tranquilidade no lar e as melhoras da sua doente para a qual peço os meus cumprim.tos Vm., etc.»

Está ou não está um modelo? O destinatário, que não é tolo e andará desconfiado, é que não gostará muito.

Vamos a ver.

Lisboa

Dezembro: 27.

Nos jornais de Coimbra chegados aqui hoje, vejo que o pasquim do Octaviano de Sá se portou com o desprezo a que o votámos. Vem com uns artigos no Despertar, em pensamentos seguidos, em louvor de Ant.º Augusto Gonçalves; e no último, no do dia 25, não esconde o despeito e, ao mesmo tempo, deixa ver os conselhos do Madaíl... Percebe-se isso muito bem.

E a propósito do Madaíl, deixo arquivada no final do volume (1) uma local que vem na prim.ª página do Despertar de 25 do

(1) A pag. 359.

corrente. Muito curiosa. O ilustre Madail anda de caudeias ás avessas com o José Ernesto Marques Donato, director do jornaleco; e este pespega-lhe mais esta luisca que não deixa de ter a sua graça.

São verdadeiramente comadres desavindas e agatanham-se.

Lisboa.

Dezembro: 30.

O João Machado respondeu-me. Deu-me cel, correcto, mesmo reverente, mas deixa de pé o seu despeito e a má vontade.

O Lourenço de Alm.da Vasconcellos me escreveu. Mas este mostra certo desdem pelo incidente. E' talvez ainda a vaidade que não o deixa ver o caso como na verdade ele é.

Paciencia.

Vamos a ver se acalma a irritação de um e a altivez do outro.

Lisboa:

Dezembro: 31.

No Desportar de Coimbra chegado hoje meu, a propósito da palestra do Chaves de Al meida em 19 do corrente, está garotice do se

A fechar

Autênticas.

— Não ouviste a Conferência?!

— Ouvi... Foi a leitura dum relatório da actividade do conferente durante a vida do homenageado.

JOÃO DE COIMBRA.

thaco do Octávio de Sá. Fica aqui o recorte, final da secção semanal intitulada Esquina de Sansão. O marasto diz-se amigo do Charles Almeida. Que faria ele se se dissesse inimigo!

E pronto.

Acabou-se o ano.

— 1949 —

Lisboa:

Janeiro: 1.

Mais outro...

E como que cára que ele outra! Aguaceiros, inundações, desastres — e ainda para completar a lista eleitoral para a presidencia da Republica.

Ha por aí grande animação por causa da proposta do Norton de Matos que, segundo dizem, vem incomodado muito esta gentinha da governação.

E' evidente que não podem ganhar a eleição; mas o que parece certo, pelo impeto com que a campanha eleitoral vai começar, é que chegarêmos áquele ponto que nos ultimos tempos da monarquia o Carnacho (salvo erro) definia pela frase: «As transigencias que degradam ou as violencias q. comprometem.»

O governo, a certa altura, fecha a torneira das concessões e enverada pelas violencias e demonstra assim a mentira em que se vive quanto á apregoada democracia invejada pelas nações estrangeiras.

Vamos a ver.

Este «vamos a ver» é a grande formula... Esperêmos com paciencia, tanto mais que agora o tempo corre depressa.

Lisboa.

Janeiro: 8.

Fui hoje ao Monte de Caparica, fazer uma visita. Levava tambem a intenção de ir ver a casa onde ~~[illegible]~~ morreu Bulhão Pato e onde, anos seguidos, ele viveu em contemplação.

Esperava encontrar uma casa pitoresca, em sitio alto, com largas vistas para o Tejo e para o mar, com o pano de fundo da serra de Sintra, local de onde se disfrutassem poentes multicôres em tardes serênas; esperava ver sombras de arvores, debaixo das quais o poeta, já velho, espraiaria os olhos cançados, nostalgicamente, por todo o cenario circundante, recordando os tempos de fasti-

gio romantico em que, incontestavelmente brilhou.

Afinal, descendo uns 100 metros da estrada, a poente do aglomerado de casas a que se chama o Monte, vi uma casa banalissima, pintada a vermelho, com uma platibanda corrida de balaustres de argamassa, igual a tantas outras edificações dos arredores lisboetas, de construção entre oitenta e cem anos pouco mais ou menos. E vi que essa casa, com frontaria para um largo pequeno onde confluem umas tres estradas, estava perfeitamente numa concha, com horisonte fechado por todos os lados, com muros altos de quintas ao redór, com raras arvores pequenas que não davam a menór ideia duma sombra apetecivel.

Considerei com interesse a casa e o local e perguntei a mim mesmo qual o motivo que levaria o Poeta a preferi-los. Seria casa de familia que aproveitou por motivos de ordem economica? Seria a ideia do conchego, livre das ventanias directas do mar e das nortadas de verão que naquela região costumam soprar com violencia? Fiquei um tanto ou quanto surpreendido pois formára

no meu espírito um quadro bem diferente e, confesso, não sei bem porquê. Possivelmente por ler qualquer coisa a tal respeito eu imaginava outro cenario; e como a designação topografica dava indicações de altitude — eu pensaria em ambiente diverso da realidade.

Em todo o caso, considerando bem, achei que o Poeta teria razão... ~~[illegible]~~ Fugiria ao mundo, desde que a vethice bateu á porta; e naquele silencio do alto, na casa sossegada ao abrigo dos vendavais, meditaria nas transformações do mundo, na evolução que se operava em tudo, talvez, até, com a intenção de fugir a essas mesmas transformações.

Assim, quando quizesse ver alguma coisa alem dos muros das quintas afidalgadas que o cercávam, subiria um bocado p.ª norte e então lá estava, esfraiada, por montes e vales, essa Lisboa «desejada» onde meio seculo antes, ou mais, ele brilhára e se impunha. Seria então o momento de evocar todo esse passado de boemia literária, de prestigio pessoal, das proprias estroinices romanticas — para depois tor

mar a descer a ligeira encosta e refugiar-se na casa baixa, pintada a vermelho, com balaustrada em argamassa a formar platibanda corrida.

Pobre Bulhão Pato! Vimos de mais. A velhice, para tais homens, deve ser uma tortura. As evocações deveriam ser, talvez, dolorosas.

Coimbra.

Janeiro: 18.

De novo na terra e em casa.

Fui hoje conversar com o João Machado acerca do incidente ocorrido no dia 19 de Dezemb.º último, com o Lourenço Chaves Almeida. Hoje há reunião da comissão do centenário e eu queria verificar se nos ele estava.

Ontem fui ao Porto, pelo mesmo motivo, conversar com o Lourenço.

Conclusão: a mesma miséria do barro humano; realmente o Criador não soube afeiçoar o barro e arranjou esta Humanidade triste...

Os dois, ficámos a falar-nos do mesmo modo; mas lá dentro... vê-se que refer-

ve a má vontade. E eu receio que, quando o Machado fizer a sua palestra, o Lourenço não se pague na mesma moeda — o que seria desastre.

Disse-me o Machado que foi procurado pelo ilustre Madaíl que, com pésinhos de lã, queria saber quem foi o da iniciativa da exposição das obras do Gonçalves. O que andará ele a tramar? Quero crer que será ele o inspiradôr de certas tiradas dos artigos do Octaviano; agora anda a sondar o q. ha acerca da exposição.

Enfim!...

Houve hoje nova sessão da comissão. Segue o borrão da acta:

« Aos 18 dias ... etc. na sala das sessões da Associação dos Artistas, pelas 18 h. reuniram-se os vogais da comissão com excepção do sr. dr. Costa Rodrigues que telefonicamente justificou a falta. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Foi lida a correspond.ª que constava da resposta do Prof.or Joaquim Lopes, do Porto, em que anunciava uma lição do professor dr. Ar-

mando de Matos, na Escola de Belas Artes, acerca de Mestre Gonçalves; telegramas do ten.te coronel reformado José Rodrigues Bruno, de Alcobaça e do dr. Anselmo Ferraz de Carv.º, associando-se ás comemorações; outro telegrama e uma carta do dr. João Couto, associando-se tambem e solicitando do vogal B. B. a sua representação; carta do professor Tomás da Fonseca no mesmo sentido; e um bilhete do dr. Camara Reis comunicando que o critico de arte Alexandre de Gusmão fará um artigo sobre Mestre Gonçalves num dos prox.os numeros da Seára Nova. Como esta sessão foi a primeira depois do inicio das comemorações, todos os vogais se congratularam pelo exito conseguido e esperam que se continue com o mesmo exito. Verificou-se que se fizeram representar: o Instituto de Coimb.ª pelo sr. dr. Costa Lobo; a Casa de Coimbra em Lisboa pelo sr. dr. Costa Rodrigues; o Museu de Soares dos Reis e o seu director, dr. Vasco Valente, pelo sr. dr. Pereira Dias; o conservador do mesmo Museu, Alberto Meira, pelo sr. P.e Nogueira Gonçalves; o capitão e ilustre homem de letras Augusto Casimiro, pelo sr. Al-

varo de Lemos; e dr. João Couto, Tomás da Fonseca e ten.te coronel Brusco, por B.P. — Tambem foi notado pelos presentes a presença na romagem ao cemitério do escultor Costa Mota, Sobrinho, e resolveu-se oficiar-lhe com agradecimentos de toda a comissão. Pelo vogal B.P. foi lembrada a visita q. alguns vogais da comissão fizeram ao sr. Governador Civil em 14 de Dezembro p.p. conforme deliberação tomada na ultima reunião; e resolveu-se que na acta ficasse expressa a satisfação de todos pela maneira como fomos recebidos e pela atenção que mereceu aquela autoridade a comemoração centenaria. O sr. Viana de Lemos comunicou que o director da Escola Industrial de Brotero informára de que o busto de Mestre Gonçalves ia ser fundido em bronze e que, por isso, a sessão projectada poderia demorar ainda algum tempo. — B.P. expoz o que se passou em Lisboa, ha dias, em conversa com o dr. João Couto que se mostrou muito interessado pela conferencia da sr. D. Veva de Lima e pediu que fosse avisado com antecedencia do dia; a este respeito, ficou resolvido que se oficiasse a esta Senhora soli-

citando indicação aproximada da data em que a conferencia poderia ser feita e explicando a falta do sr. dr. Costa Rodrigues por motivo de serviço publico. Em seguida trocaram-se impressões acerca da lapide commemorativa; ficou encarregado o vogal B.P. de procurar saber da sr.ª D. Idalina Gonçalves a casa em que nasceu o Trindade e da Camara quais as deligencias necessarias para se colocar a pedra evocativa; e ficou encarregado, como de justiça, o sr. João Machado de fazer o desenho e de executar a obra. Tratou-se a seguir das conferencias que deverão ser feitas, ficando resolvido solicitar-se das direcções de O Instituto de Coimbra, da Associação Commercial e do Monte-Pio Martins de Carvalho autorização para que nas suas salas se realizassem as ditas conferencias, atendendo a que, na sala da Associação dos Artistas as condições acusticas são pessimas; e ficou ainda resolvido que as conferencias se realizariam conforme autorização daquelas instituições, independentemente da reunião da commissão. E não havendo mais nada para tratar, etc. etc. »

Isto irá até ao fim sem novidade de maior? Não sei porquê, mas tenho o pressentimento de que não.

Ver-se-há.

Coimbra.

Janeiro: 21.

Foi hoje um ofício para o D. Vera de Lima, em nome da comissão do centenário. Custou a escrever como todos os diabos... Este género de literatura é difícil, especialmente quando se trata de uma dama de alto ~~coturno~~ coturno como esta.

No ofício ia até esta frase que não deixa de ter certo fundo de verdade:

«Queremos acreditar que este acto de homenagem ao Professor Gonçalves será um dos que mais brilho e elevada distinção poderão imprimir às comemorações centenárias.»

Foi também hoje outro ofício para o escultor Costa Mota Sobrinho com os agradecimentos da comissão pela sua presença no cemitério, na romagem do dia 19 de Janeiro

tivo último. O agradecim.to era devido por que o escultor ainda doente e as viagens são lhe um tanto ou quanto incómodas.

Coimbra

Janeiro : 24.

Ontem houve no Porto sessão de propaganda eleitoral a que presidiu o Norton de Matos. Mesmo com todas as limitações do janeiro, vê-se que a sessão foi notável. Calcula-se, pela área ocupada que estariam entre 130 a 150 mil pessoas; uma grande tribuna repleta de senhoras; entusiasmo fóra dos habitos, etc. etc. Qualquer coisa que refreasse a ânsia de libertação desta atmosfera em que se vive ha muito.

Encontrei, de manhã, pessoa conhecida que ontem foi de automovel assistir á sessão: negreiro comerciante, sério, sem ambições; foi ao Porto porque sentia necessidade de ver e ouvir.

— Então, preguntei, coisa grandiosa, não é verdade?

— Não calcula!... Aquilo só visto... Automoveis e carrionettes aos milhares; e gente... não se calcula quanta!

E fazendo um gesto largo, concluiu:

— Estava muito mundo!

Eu acrescentei, para dizer alguma coisa:

— Devia ser, realmente, espectaculo imponente...

Ele então procurou uma imagem para comparar; e com um movimento do braço direito, um pouco vago, muito indeciso:

— Olhe, sr. Coronel: aquilo não se descreve!... Aquilo... só Fatima!... Só indo a Fatima!...

Eu ri-me, para querer. Ele confirmou o riso e observou:

— Eu, francamente, nunca fui a Fatima... Mas disseram-me que era coisa parecida...

Realmente a comparação é curiosa e não deixa de ter suas razões: a Fé remove montanhas segundo o Evangelho.

Coimbra:

Janeiro: 26

A D. Vera de Lima respondeu e amavelmente. Aceitou — o que representa triunfo para a comissão. Mandei oficio com agradecimento.

Oficiei á Associação Comercial, ou me lhor á Uniao de Gremios dos Lojistas a pedir que nos cedessem o salão para qualquer conferencia. E mandei outro oficio á Câmara Municipal solicitando autorização para se colocar uma lapide na casa em que morreu Ant.º Aug.to Gonçalves na rua antiga do Correio, hoje de Joaquim António ~~de~~ de Aguiar.

E apara, outro assunto:

Ouviu o ministro da Guerra, o insultoso Manuel Santos Costa recebeu os generais comandantes das Regiões que foram apresentar cumprimentos e afirmar solidariedade perante a agitação politica que lavra no País e que julgam perigosa, etc. etc. O Santos Costa agradeceu, fez comentarios, insultou o Norton de Matos e no final fez um aviso premonitorio. Esse aviso resume-se em ameaça clara: ele, ministro e o exercito, perante a agitação revolucionaria, iriam dar a ultima palavra. E não faltariam a ela.

Muita gente esperava isto: os cumprimentos e o pretexto para a ameaça bem clara. Isto é: o exercito vai pronunciar a ultima pala

vra — o que corresponde a dizer que não autorizará as eleições. Será assim?

Vamos a ver.

Coimbra.

Janeiro: 27.

O Santos Costa teve ontem conferencia com os generais, com a policia, com a Guarda Republicana e Legião.

Deveria ter ficado resolvido o plano de repressão — a tal ultima palavra prometida.

Coimbra.

Janeiro: 29.

Ontem, lá ~~[illegible]~~ disse a minha conferencia Antonio Augusto Gonçalves polemista no salão d'O Instituto, conforme o plano do centenario.

Contra o costume, bastante gente. Presidiu o dr. Anselmo Ferraz de Carvº, porque o dr. João Pereira Dias que representava o Reitor da Universidᵉ não quiz assumir a presidencia que lhe foi solicitada.

Eu notei a vivacidade com que resistia as solicitações; compreendi-o e fui ajuda-lo misericordiosamente... Compreendi que

o homem teve receio do que eu poderia dizer tanto mais que o titulo da palestra era proprio para certa apreensão. Como é cauteloso e sabe harmonizar as coisas, não quiz tomar posição definida. Eu ajudei-o amavelmente e lembrei o dr. Anselmo que, como presidente d'O Instituto, ficaria m.to bem na presidencia da sessão. E para mim a troca foi melhor.

Li, pausadamente, a conferencia; pareceu-me que foi ouvida com atenção e talvez interesse. Em certos passos ouvi discretos apoiados que me pareceram saidos do grupo em que estavam o dr. Pacheco de Amorim e o medico Braga da Cruz, inspector de saude — ambos corifeus do partido catolico local. Vão lá entender este mundo! O velho polemista Gonçalves, a ouvir aplausos dos catolicos militantes!...

Enfim, tudo correu bem. Muitos cumprimentos, no final, por parte dos assistentes e até do dr. Pereira Dias que se desfez em cortesias e amabilidades.

Assistiram muitas senhoras, entre as quais antigas discipulos do Mestre que me cumprimentaram com lagrimas nos olhos.

gostei de ver essa comoção. Na verdade o velho Gonçalves Vinha admiradores e ainda os teve entre gente de boa formação moral.

Coimbra.

Janeiro: 31.

Fui hoje ao Quartel-General receber o soldo. Encontrei o Ant.º Henriques da Silva, chefe do Estado-maior q. me pediu desculpa de não assistir á minha conferencia de ante-ontem. E explicou que estivera com o general a afinar uns transmissores de T.S.F. que não trabalhavam muito bem — e assim passou a noite.

Moralidade: o chefe do Est.º maior e o general é que afinam os transmissores, por causa das duvidas — e para o que dér e vier.

Coimbra

Fevereiro: 8

Carta ao velho amigo dr. José Cardoso, notario em Lisboa. Não tem nada de notavel, apenas traduz estado de espirito:

«. . . A sua carta chegou-me em dia máu para a saude; li-a por alto mas pres-

me assim sensibilizou-me. Depois, li-a atentamente e idêntica impressão me ficou.

«Que quér? Os anos passam e vão pesando; e todas as manifestações de velha e boa amizade comovem, mormente nestes tempos conturbados, cheios de interrogações. Muito obrigado, pois, pela sua carta; foi a única revelação de que pelo «mundo infinito» foi notada a m.ª conferencia acerca do Mestre Dr.º Augusto Gonçalves.

«Seria imenso prazer eu o ver na assistencia em que varios catedraticos, despidas as vaidades do capelo e da borla, se sentáram amavelmente. Mas, com franqueza, seria exagero da sua parte transpôr os 220 quilometros que nos separam para me ouvir, durante 50 minutos, interpretar o espirito polemico do Gonçalves. Brevemente (se houver dinheiro para isso) será impressa a conferencia — e então o meu Am.º, no conforto da sua casa, poderá lê-la com passego e a ilustre Zezinha (a carrinho de mulher) consentir com a natural e feliçosa magnanimid.e das creanças.

«Pois meu caro dr. José Cardoso: mais uma vez obrigado pela sua afectuosa lem-

branca; eu por aqui continúo a trabalhar simplesmente para entreter a vida; já não vejo outro fruto fº a minha actividade intelectual aliás quasi inutil. E outros como este cenário que se admira pelo mundo, quer dentro quer fóra de fronteiras!

« Os meus respeitos, etc. etc. »

Coimbra.

Fevereiro: 9.

Varias pessoas me teem abordado com as desculpas annuaes por não assistirem á minha conferencia acerca de Ant.º Augusto Gonçalves. Por exemplo: o dr. Torcato de Sousa Soares, o poeta Campos de Figueiredo, a Dona Virginia Gersão, o dr. Joaquim de Carvalho, o Passos, creio que mujor na reserva, e não me lembro mais quem.

Acho curioso o facto porque uns alegam incómodo de saude, outros ignorancia do dia e hora, outros falta de convite... Quando afinal, o mais natural é' não terem ido porque não estimaram para isso — e estavam dentro do seu direito.

A que vêem as desculpas?

Coimbra

Fevereiro: 13

Eleições! Lá vai hoje ser eleito pela 4ª vez o ilustre marechal Carmona. Mais outro plebiscito...

Nunca imaginei assistir a estas coisas maravilhosas!

Enfim. Adeante.

Ontem recebi, mandado amavelmente pela União Nacional uma lista com o nome do Carmona; também recebi, trazida por um soldado armado e com capacete de ferro, um aviso curioso do Quartel-General que fica arquivado, para memoria destes tempos.[1] Ao ver o soldado ao portão, armado e equipado, imaginei que o Quartel-General daria ao meus ordens para o voto; espantei-me, realmente. Não houve ordem, no sentido claro da palavra, houve apenas uma lembrança que na verdade não foi mais que um aviso.

Fica arquivado e vamos adeante.

Se fosse a fazer comentarios gastava tinta e espaço nestes cadernos inutilmente. Vamos, pois, adeante.

---

[1] No final do vol.º a pag. 360.

Coimbra:

Fevereiro: 14

Sempre vou comentar... Não resisto á tentação. Tem de ser...

Ontem, o Governo lá venceu mais uma batalha. Na verd.e, a batalha foi muito bem dirigida; não andasse por detraz da cortina a Companhia de Jesus!

De começo, parece que apanháram um susto; mas depois, os erros dos adversários deram-lhe a facil vitória.

Mas a lição que eu tiro, mais uma vêz, é de que o português, mesmo debaixo de perigo, não é capaz de se não sentir senhor de verdades proprias. Refiro-me, especialmente, á oposição.

A impressão de desalento que tudo isto me deu! Uns, oposicionistas declarados, não escondiam a aversão ao Norton de Matos; outros faziam côro com a Situação a respeito do comunismo; outros, até, regosijávam-se com os erros da campanha oposicionista e declarávam alto e bom som que já tinham previsto o mau resultado.

E quantos oposicionistas não foram votar no Carmona por simples discordancia

com certas atitudes da Oposição! E muitos oficiais que não podem ver a actual situação, lá foram votar no Carmona alegando que o aviso do Quartel-General a que me referi ontem, era uma ordem... O Armando Macedo, por ex.º, seguiu esse criterio.

Que coisa horrivel que foram estes ultimos dias! O que eu ouvi a muitos descontentes da situação vigente! Realmente os portugueses só são governaveis a cacête... Todo o esforço de libertação dá em desordem de espiritos; e estes, que se mantêem possessos enquanto dura a opressão, logo que ha qualquer vislumbre de Liberd.e tomam folego e puxam logo cada um para seu lado.

Que tristeza!

E assim o Governo proclama e com certa razão que a vitória de ontem foi mais um plebiscito do que eleição.

Oitenta e tantos por cento de eleitores, dizem as gazetas e o Ferro proclama pela Emissora Nacional. E' claro que não compareceram esses 80 e tal % de votantes, mas que m.ta gente foi ás urnas, disso estou convencido. As coisas, infelizmente, são o q. são e não o que se quér.

1650

E depois, a carta do Tomás da Fonseca fez levantar a reacção clerical que tocou a rebate com violencia e o rebate, na verdade, fez-se ouvir. O Tomás, com a sua leviandade do costume, fez despertar uma força q. estava mais ou menos quiéta, talvez á espéra dum pretexto para levantar cabeça. O resultado, viu-se.

Não foi, verdadeiramente, a consciencia religiosa que ele ofendeu na 2ª carta; o que ele ofendeu foi a hipocrisia religiosa — e esta é que é de temer. E de facto o levantamento foi formidavel. Mobilisou-se toda a hipocrisia e esta acudiu de pronto como é natural.

Em todo o caso, tive a impressão de que a apregoada vitoria não os encheu de vento; os homens teriam a consciencia do momento — e este não é para foguetorio. A Situação actual ficou ferida e, julgo eu, bem ferida; só o Comunismo é que lhes dá ensejo p.ª falarem grosso e explorar mais do que deviam explorar.

Quero crer que o País não tem comunistas que cheguem para golpe de mão a valer; é o que oiço dizer, valha a verdade — mas

servem muito bem para a consolidação das posições desta gentinha que nos manda. Toda a gente tem mêdo (e com razão) dessas doutrinas novas e com esse mêdo se explora. Já se diz até, por aí, que uma celebre emissora de Moscovo que diariamente nos dá noticias (que eu, aliás, nunca consegui ouvir) é manobra da policia para assustar os medrosos, os que teem q. perder.

E' possivel. Com a Companhia de Jesus no poder, não me admiro de nada.

Coimbra.

Fevereiro: 16.

Continua a discussão acerca das eleições. Ha quem pregunte:

— Que me diz a esta porcaria toda?

Realmente, tudo isto foi porcaria... Quero crer, até, que os comunistas de representação embrulháram tudo com a boa mascara da Democracia.

Estarêmos, então, condenados aos dois estremos? Então a quadra actual já não dá senão para estas duas especies de ditaduras? Estamos condenados somente a Salazar ou a Estaline?

Para que andam, lá por fóra, a esfalfarem-se em definir e defender os Direitos do Homem? Para que houve tanto bom esforço e tanta boa vontade sentimental?

Polera geração a minha!

Ou Salazar ou Estaline...

Que miseria!

Coimbra.

Fevereiro: 19.

Hoje, nova sessão do centenario de António Augusto Gonçalves:

«Aos desanove dias do mês de Fever.ro etc. pelas 18 horas, reuniram-se em casa do vogal B. P. os outros vogais: Alvaro Vieira de Leiros, dr. A. da Costa Rodrigues, P.e Ant.o Nogueira Gonçalves, dr. G. da Costa Lobo e Laureano Chaves Almeida. Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi lida a correspondencia que constava duma carta de Exm.a D. Vera de Lima em resposta ao ofício enviado por esta comissão em 21 de Janeiro na qual agradece o convite e aceita a solicitação para uma conferencia em Lisboa; dum ofício da União de Grémios dos Lojis

tão, informando de que cede o salão associativo para qualquer conferencia; de carta do dr. João Couto, dando conhecim.to de que continúa com a pr.a D. Vera de Lima a data da conferencia no Museu de Arte Antiga; e de um oficio do Presid.te da Camara autorizando a colocação da lapide commemorativa na casa onde morreu o Professor Gonçalves. A respeito da lapide, o vogal B.P. informou de que em virtude de, no requerimento á Camara, haver necessid.e de dizer quais as palavras que se lhe gravariam, combinou com o sr. P.e Nogueira Gonçalves que a inscrição ficasse assim: «Nesta casa morou «e faleceu Antonio Augusto Gonçalves. — «(1848-1932). Professor. Historiador de Arte. «Animador das Artes em Coimbra. Defen«sor da sua terra e seus monumentos.» Propôs-se a seguir impressões acerca das commemorações feitas desde a ultima reunião: conferencia do vogal B.P. em 28 de Janeiro passado na sala d'O Instituto; lição acerca da restauração da Sé Velha, no grande Templo, pelo sr. P.e Nogueira Gonçalves no dia 6 do corrente; e visita dos jornalistas á exposição de trabalhos do Mestre em 11 deste

mês, na qual o sr. B.e Nogueira Gonçalves prelecionou acerca da obra artística exposta. Notou-se que todos estes actos comemorativos despertaram certo interesse e que a Imprensa teve correspond.e tanto quanto possível aos nossos desejos de propaganda. Tratou-se, depois, das prox.as sessões da Escola Industrial de Brotero e da Câmara, ficando resolvido que o vogal B. B. procure o director da Escola Brotero para saber a data possível da sessão e procurar o Presid.te da Câmara não só para combinar a sessão pública de encerramento como também para agradecer toda a sua boa vontade e colaboração. Ficou ainda resolvido que a inauguração da lapide fosse, sendo possível, no dia do encerramento das comemorações. E não havendo mais nada que tratar, encerrou-se a sessão, etc. etc.»

A acta refere-se, acima, á Imprensa e á sua boa vontade. A frase é protocolar, apenas. Para a visita á exposição de trabalhos, em 11 deste mês, fiz eu 19 convites; pois apenas compareceram 3 dos convidados... Era este o interesse.

Se os tivesse convidado para uma jan-
tarada, quero crer que não faltaria nenhum.
Pela certa.

Coimbra.

Fevereiro: 23

Hoje, no Quartel-General disseram-me
que o Chefe do Est.-maior, Ant.º Henriques da
Silva e o sub-chefe cujo nome ignoro, quise-
ram dar ordem aos oficiais da Reserva e dos
reformados para irem votar nas últimas elei-
ções. Houve discussão sobre o caso, pois al-
guns oficiais lembraram discretamente que
a tal respeito se não podiam dar ordens.

Depois de dizer tu, direi eu, mandaram
imprimir o papelinho-aviso a que me refe-
ri já e que deixo arquivado, única manifes-
tação do grosso-quero-e-mando... Os refor-
mados foram excluídos.

Mas (informaram-me ainda) por cau-
sa das dúvidas, fizeram-se relações, por as
assembleias eleitorais, dos oficiais avisados e
com essas relações mandaram verificar a
comparencia ao acto. O resultado da verifi-
cação é que se ignora.

Se eu lá fui dado em falta...

Lisboa.

Março: 2

Vim a Lisboa para assistir à proxima conferencia da D. Vera de Lima e afinal caí na cama com uma «grippe» intestinal ou grifosa como diz o medico. Não assistirei, pois, á palestra, no Museu de Arte Antiga — o que me arrelia muito.

Lisboa.

Março: 6

Estou ainda na cama. Não fui á conferencia da D. Vera que esta intitulou, talvez pretenciosamente, Analise qualitativa dum Artista.

As pessoas que assistiram e me vieram contar, são unânimes em afirmar que a sessão foi, na verdade, um exito. A assistencia selecta; toda a chamada «alta sociedade» de Lisboa, desde o marquês de Belas, ignorante como burro embora boa pessoa; desde os condes de Mendia, financeiros de estirpe judaica; até aos figurões situacionistas como Gustavo Cordeiro Ramos e ao professorado universitario como Rafaes de Magalhães. Por estes exemplares da raça

humana, conclue-se qual seria o ambiente da sala, repleta, a grande de haver dezenas de pessoas em pé.

A conferente teceu o louvor do Gonçalves de modo elegante, em prosa preciosa, lida com dicção perfeita, salientando os passos de maior valor, acentuando o que havia de mais característico nas relações entre ela e o Mestre; enfim, fez um retrato, e não uma analise, tanto quanto possivel aproximado quer física quer psicologicamente. Pelos testemunhos, o retrato interessou o auditorio que, quasi em 97%, o não conhecia. De modo que se chega a esta conclusão paradoxal: o rijo e austero democrata, intransigentemente anti-clerical, inimigo de preconceitos tradicionais quase genealogicos, foi apresentado com sinceridade por uma representante da sociedade que o não tolerava e imposto em ambiente que o recebeu com curiosa aquiescencia e que saiu com indulgente simpatia.

A sessão foi, no ment.º, para nós, os do centenario, um autentico triunfo e se quizermos lançar espirito sobre o caso, quasi se póde dizer que para a fidalguia que

1653 v.

enchia a sala, foi uma comedela... A comissão do centenario teve, pois, um dia de triunfo; e mal sabem os outros vogais que eu sempre acalentei este resultado desde q. se falou na D. Veva.

Ainda bem!

Mestre Gonçalves foi exposto perante auditorio muito especial (que ele tosaria com brio) como realmente foi em vida: um Principe das Artes, um Mago das Artes, um Gentilhomem com frases da Revolução Francesa, um homem serio com rizo das gargulas da adorada Sé Velha... Etc. etc.

D. Veva de Lima serviu-se de todas estas imagens preciosas, com dicção perfeita e serena; e assim deixaria, no espirito da grande maioria do auditorio, a impressão de um homem superior, vagamente perdido nas margens do Mondego, como encantado na paisagem de sonho, homem cuja superioridade se não compreenderia muito bem mas que deveria ser real — desde que uma creatura de tal classe social e de tal estirpe intelectual assim afirmava com tão evidente sinceridade e tão espectaculosa maneira.

Bom António Augusto Gonçalves! A conferencia da D. Vera de Lima foi uma curiosa vingança para tantas parvoíces recebidas.

Estamos, pois, na altura de recebermos parabens.

Lisboa.

Março: 10.

O Joaquim Lopes, director da Escola de Belas Artes do Porto, escreveu-me. Diz-me que quer prestar homenagem ao Gonçalves numa das paginas literarias das 1.as feiras do Primeiro de Janeiro. Pede-me certas indicações biograficas e datas.

Será efeito da conferencia da D. Vera de Lima?

Lisboa.

Março: 12.

Leio os jornais atrasados de Coimbra q. a grifosa me impediu de ler. Nenhum se refere á conferencia da D. Vera...

Não estava eu lá para lhes dar a noticia já feita e o resultado foi este: o silencio completo!

Aquela Imprensa, aquela artetharia do espirito conforme disse Rivarol!... Foi pêna este escritor não conhecer os jornalistas de Coimbra. Talvêz modificasse a frase celebre.

Lisboa.

Março: 14.

Hoje, em conversa, á mesa familiar, o Cristovão Lima, como se aludisse a certo medico, rico, que não simpatisa com o Estado Novo, teve este comentario ao mesmo tempo interrogação:

— Mas que diabo quer ele mais? Tem um governo que lhe garante a ordem e a propriedade e ainda se queixa?

Eu, como costumo, não fiz qualquer observação. Talvez por isso ele insistiu brandamente:

— Realmente o dr. F... é rico, bastante rico; ninguem lhe cerceia a fortuna e o impede de andar nas ruas sossegado. Que diabo quer ele mais?

Eu continuei mudo — e pensando de mim para mim que estas gerações novas teem visão muito curta do mundo.

Como sairêmos nós de todas estas provações? Já não conto ver coisa boa. Já vou adeantado em anos para q. possa ver final bom a isto tudo.

Paciencia.

Lisboa:

Março: 16

Ontem, o Pires Monteiro reuniu numa casa de chá, na Baixa, um grupo de amigos em m.ª honra. Porquê?

Convocou o general Teixeira Botelho e os coroneis Vitorino Guimarães, Vitorino Godinho e Ferreira Lima. Este e o general faltaram por doença; em compensação apareceu o Costa Veiga, o Veiga das curvas que acidentalmente ia tomar o seu chá pacato e foi arrebanhado p.ª junto de nós.

Este Pires Monteiro tem, para comigo, atenções que não estão em proporção com o que valho ou possa valer-lhe. Que diabo sou eu p.ª que ele me rodeie, assim, de tanta atenção? Sou amigo leal, tenho com ele delicadezas, acompanhei-o sempre nas iniciativas na Revista Militar, dando-lhe as m.as opiniões e os meus conselhos; mas...

co'os Diabos! isto não me parece suficiente para que ele me cerque de atenções como me cerca.

E afinal, que sou eu ou que posso vir a ser para que valha a pena o Pires Monteiro lisonjear-me — admitindo esta hipotese que não creio m.to admissivel?

O certo é, porem, que a reunião foi alegre e curiosa. Passou-se o tempo discretamente, entre as frases pausadas, quasi catedraticas do Vitorino Guimarães, entre as tiradas eruditas (ou pseudo-eruditas) do Veiga das curvas, até aos apartes de espirito do Vitorino Godinho sempre pronto para surpreender o ponto ridiculo da conversa ou das situações. Verificou-se que se reuniram uns velhotes que orçavam pelos 68 a 72 anos, uns mais bem conservados do que outros: o Veiga, duro de ouvido como foi sempre de inteligencia; o Pires Monteiro que vai pelo mesmo caminho a respeito de audição; o Guimarães, com a bronquite de fumador atiçada; e eu com as m.as queixas constantes de má disposição... Só o Godinho mantinha certa frescura de aspecto, apesar da quasi com

pleta calvicie, mas sempre aprumado e de olhar vivo.

Enfim, um mostruario de ruinas ainda mais ou menos em pé — á espera do safanão final.

Mas, repito: que motivos teria o Pires Monteiro para esta pequena e graciosa homenagem? Como lhe agradecer?

1658

Lisboa.

Março, 25.

Ha por aqui muita gente que colecciona capicuas supersticiosamente. Eu, na verdade, sem querer ser supersticioso, costumo olhar sempre para o numero dos bilhetes do electricos... E tambem é verdade que muitas vêzes encaváco por ver faltar uma ou duas unidades para completar a capicua. E encontro-me a pensar com os meus botões:

— Que diabo! Nem nas capicuas tenho sorte!

Resignava-me, porem, como todo o sebastianista que espera a manhã de nevoeiro.

Hoje, na ocasião em que um raio de sol espreitava por entre nuvens pesadas, surgiu-me uma capicúa — não sei bem se a primeira, ou possivelmente a segunda que me aparece.

Pois aqui fica colada para lembrança... Dia notavel, pois, o dia 25 de Março — que o calendario diz ser o da Anunciação.

Ainda bem.

Coimbra.

Março: 30

De volta a casa. Convoquei para hoje reunião da comissão do centenario. Somos agora oito. Apareceram tres...

Limitamos-nos a conversa. Não havia o que em giria parlamentar se chama quorum. E eu que levava uma carta de agradecimento para a D. Veva de Lima!

A carta consta da seguinte serie de amabilidades:

«... A comissão de amigos de Ant.º Aug.to Gonçalves que promove a celebração do 1º centenario do seu nascimento, reuniu hoje pela prim.ª vez depois da brilhante e distin

ta conferencia feita por V... no Museu de Arte Antiga no passado dia 5. — Não só pelas notícias dos jornais e informações particulares, mas também (e especialmente) pela exposição feita pelo sr. dr. Costa Lobo que propositadamente foi a Lisboa para nos representar, esta comissão verificou que a conferencia com q. V... honrou as comemorações, foi até apara a mais notável manifestação feita á memoria do saudoso Professôr coimbricense quer pela distinção do acto em si quer pela perfeita forma literária que V... deu ao trabalho lido. — Esta comissão confessa-se m.to e m.to grata e de tal forma que, verdadeiram.te, não tem palavras com que agradecer. — Limitamos-nos, minha Senhora, a beijar-lhe as mãos com o reconhecimento de quem se sente altamente devedôr. — E creia V... que nos assinâmos, etc.»

Prosa sempre difícil, esta, dada a qualidade da destinatária e a razão do agradecimento. Mas, vá lá! a prosa poderia ser m.to fraca e se eu a não fizesse os outros é que a não fariam.

Coimbra

Abril: 6.

Reunião da comissão do centenario. É deste ver, vamos lá! comparecerão seis vogais — tres quartas partes do efectivo.

Segue a acta:

« Aos 6 dias do mês de Abril, etc. na sala das sessões da Associação dos Artistas, pelas 18 h. reuniram-se os vogais: Alvaro V. de Lemos, dr. Costa Rodrigues, B. B., dr. Costa Lobo, João Machado e Lourenço Chaves Almeida. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Lida a correspondencia que consta de carta do Professor Joaquim Lopes, do Porto, anunciando um artigo de homenagem a mestre Gonçalves na pagina Artes & Letras do Primeiro de Janeiro, artigo que na verd. saiu no nº de 30 do mês passado; foi resolvido agradecer. O sr. dr. Costa Lobo deu conta da sua missão a Lisboa por ocasião da conferencia da srª D. Genoveva de Lima, no Museu de Arte Antiga; como o vogal estava por doença impossibilitado de comparecer foi o unico representante da comissão e como tal apresentou em nome de todos, os

cumprimentos e agradecimentos á ilustre conferencista. Ouvido á conferencia, informou de que constituiu, possivelmente até hoje, o mais brilhante e distinto acto commemorativo; não só a perfeita forma litteraria do trabalho como tambem o carinhoso e impressionante retrato do Mestre e a impecavel dicção com q. foi lido, junto tudo isto ao ambiente de elegante distincção da assistencia que enchia a sala do museu — levam a concluir que, na realidade a conferencia da snr.ª D. Genoveva de Lima foi notavel manifestação de homenagem á memoria do Mestre Gonçalves e tão notavel que esta comissão não terá palavras com q. agradecer á distinctissima Senhora. Trocadas impressões acerca do assunto, todos os vogais foram concordes em considerar o acto commemorativo de 5 de Março ultimo, como a melhor manifestação feita até hoje e resolveram unanimemente agradecer em officio á ilustre conferencista affirmando que o valor e o exito da conferencia são superiores a todas as palavras de agradecimento que lhe poderiamos dirigir. Igualmente se resolveu tornar extensivos os agradecimentos ao vogal Lourenço Chaves Almeida pela decisiva

intervenção que tornou possível a realização da notável conferencia. — A comissão resolveu também dirigir um agradecim.to ao pr. dr. Anselmo Ferraz de Carv.o pela cedencia da sala d'O Instituto para a conferencia do regal B.B. e pela sua comparencia á mesma, que muito honrou todos os vogais. — O regal B.B. deu conta da conversa que teve em Lisboa com o dr. José Couto que igualmente se mostrou extremamente satisfeito com o exito da conferencia que, na sua opinião, foi na verdade notavel. O mesmo vogal referiu-se a uma conversa que teve com o dr. João Gaspar Simões que o informou de que sua Esposa, a snr.a D. Mécia Gonçalves Simões poderia escrever uma serie de recordações de seu Pai, recordações relativas a pequenos factos da sua vida que poderiam constituir valiosos elementos para uma futura biografia; o mesmo vogal, embora sem autorização da comissão não só louvou a ideia como aceitou a sugestão e rogou ao dr. Gaspar Simões o favor de não esquecer a promessa. — Trocaram-se impressões acerca dos actos comemorativos finais que estão pendentes da

fundição do busto de Mestre Gonçalves; o re-
gal B. B. ficou encarregado de saber do dire-
tor da Escola Industrial de Brotéro a data fa-
vorável da sessão para se poder combinar com
o Presid.te da Câmara a sessão solene de encer-
ramento. — E não havendo mais nada para
tratar, etc.»

1661

Coimbra.

Abril: 8.

Carta para o dr. Manuel Monteiro, de
Braga:

«.... Ao regressar de Lisboa onde fui
ver um Templo, encontrei o opúsculo «O
Românico Português» com que V... me quiz
honrar. Muito e muito grato a V... pela
atenção e pela lição dada — pois mais uma
vêz V... se afirma o velho mestre em crítí-
ca e História de Arte.

«Nunca me esqueço de uma ou outra
conversa a que assisti entre V... ainda es-
tudante de Direito e meu tio Albino da Silva
sobre assuntos de Arte nos quais V... se não
mostrava simplesmente hospede. Ha quasi
meio século!

«Estas recordações aumentam o meu reconhecimento; e creia V... que me assino, com toda a consid.ção etc.»

Gois
Abril: 21.

Mais um casamento, nesta recatada e pacata vila de Gois.

O novo superintendente pelo Lusitano Sup.or Tecnico José Alberto de Paula Saraiva Baeta da Veiga casou ontem com a filha, muito romantica, do meu antigo alferes e hoje major Carlos Varela, de Leiria.

Festa rija, com certo luxo e farta, fartissima, mesa.

Dois dias bem passados, neste ambiente beirão, recatado, com ecos de certa grandeza e severidade.

Boa gente, esta familia Saraiva-Baeta. Muito boa gente.

Neste solar dos Paulas Nogueiras, estamos como em nossa casa. Ainda ha, no mundo, destes oasis de conforto e de amizade. E ainda bem que os ha!

E que contraste com o q. vai para alem destes montes que nos cercam!

O passêgo, a tranquilid.e destes vales e a barafunda que vai por aí além!

Como dá tentações de aqui ficar escondido, ignorado, á espera... do Nada!

Coimbra.

Abril: 22.

Hoje houve, em Coimbra, reunião do 16º Congresso Internacional de Historia da Arte. Dizem que vieram 300 congressistas.

Fui assistir, como curiosa, á inauguração da exposição de estatuaria medieval e quiz ver como o bispo era recebido — pois foi o bispo quem cortou a fita simbolica...

Parece que, em Coimbra, não havia Governador-civil ou Reitor da Universidade. Só o bispo era capaz de guardejar a tesoura...

Quando cheguei ao pátio do Museu, era cêdo, ainda os congressistas mastigavam o almoço frio que lhes fôra oferecido com certa abundancia — aquela velha abundancia de fidalgo arruinado.

No meio do vai-vem da assistencia encontrei o velho am.º João Couto. Rapida troca de impressões; e notei que além

do ar triste que ele sempre tem, vi-lhe o aspecto cansado e de aborrecido.

— Que tal tem corrido isto?

— Não tem corrido mal... Mas os filhos têm-nos dado muito desgostozinhos.

— E' boa!... Os estrangeiros, naturalmente?

— Pois é claro. Isto é uma trapalhada, meu caro Snr.°...

Eu ainda quiz esclarecer:

— Naturalmente vieram a Portugal como quem vai ás colonias...

— Pouco mais ou menos. Isto é uma trapalhada...

Tentei esclarecer mais, mas o Reinaldo dos Santos chamou-o e eu fiquei a julgar que foi sempre e ha-de ser sempre a mesma coisa: somos um povo á parte, recluido ao canto da Europa, povo que se visita como o cidadão das grandes cidades vai visitar a aldeia que lhe parece curiosa ou pitoresca.

Será assim?

No entretanto, fui puxado para a varanda; queria ver, de palanque, a entrada do feixo que apareceu, dai a pouco,

frontalmente. E então vi o Reinaldo dos Santos correr gressuroso com o Reitor, dr. Maximino Correia, o Governador Civil, o dr. Pereira Dias et alliis. Lá de cima vi bem q: todos ajoelháram e beijáram o anel que o homem não recusou; e notei que ele entrou no pátio com ar soberano, embora a multidão de congressistas (estrangeiros na maioria) se não aproximasse e ficasse apenas a olhar, com a natural curiosid.. Apenas um professôr francês, presidente do Congresso, bonita figura de velho, com barbas brancas extremamente cuidadas e modos distintos, se aproximou e lhe foi apresentado; e eu notei com satisfação íntima que se limitou a dar um aperto de mão afável, como de velho conhecido e começou a falar com tal desembaraço que me pareceu ver no tempo certo qual estar.

E depois de visitarem a exposição de estatuária e saírem novamente ao pátio, o professor francês já vinha tão tu-cá, tu-lá, com o tempo-coube que me pareceu contar qualquer anedota engraçada e no final lhe deu um toque familiar no ombro, acompanhado de gargalhada sonora.

UNIVERSIDADE LIVRARIA

Para os circunstantes, isto seria uma irreverencia, especialmente para os nossos hospedes organizadores do Congresso. Mas o contraste é que foi frisante: os nossos ajoelharam; o francês deu-lhe palmadinha brejeira... Diferenças de mentalidade; diferença entre homens livre e escravo voluntário.

Depois, dei uma volta ás exposições.

O Museu sofreu completa remodelação. O que está, está na verdade bem arranjado, mas como qualquer museu de qualquer parte do mundo. É a uniformidade a imperar, não sei se bem se mal.

O Museu de Arte Industrial de António Augusto Gonçalves, o museu tão característico e tão pitoresco, que dava nas vistas aos estrangeiros que sabiam ver — esse... desapareceu. Segundo agora se diz, cumpriram-se as regras da moderna museologia...

E as m.as considerações foram para a coincidencia de, no momento em que celebrámos o centenario desse homem singular que fundou o Museu Mach.o de Castro, desaparecer uma das suas mais fortes obras de organizador e de artista.

Coincidencias lamentaveis acerca das quais, no caminho p.ª casa, eu matutei com bastante tristeza. E não é só a tal moderna museologia que impõe a uniformidade; é tambem a furia reaccionaria que quer destruir a obra do Gonçalves. As duas razões fizeram a transformação.

E pronto.

Coimbra.

Abril: 23.

Hoje, apanhei o Madaíl de bom humor porque lhe falei em nova especie bibliografica de Antonio Aug.to Gonçalves. Conversando, depois, ácerca do Congresso de Historia da Arte, ele desabafou...

E desabafou a valer, como quem se sente ferido em qualquer parte do corpo e picado no orgulho. E o desabafo caiu principalm.te sobre o dr. Reinaldo dos Santos que disse querer açambarcar toda a gloria do Congresso e ser o autor de tudo quanto se tem escrito de bom acerca da Arte em Portugal. Contou que os estrangeiros, por dá cá aquela palha, largávam invariavelmente as frases bordões seguintes:

— Como disse mr. Reinaldô... Como fez mr. Reinaldô... Como muito bem observou mr. Reinaldô...

Aqui deve andar, possivelmente, o desfeito do Reis dos Reis Santos contra o Reinaldo, transmitido ao Madaíl. O Reis Santos é homem desté calibre, é o candidato do dito Madaíl á direcção do Museu de Machado de Castro; e é muito natural que o dr. Reinaldo dos Santos não tivesse ao Madaíl a importancia que esté quer que lhe tivessem.

Tudo isto é possivel. E aqui fica apenas para concluir que em Portugal os problemas da Arte estão sujeitos ás arrizadas ou aos odios pessoais.

Já o Vergilio Correia sofria desse mal.

Todos, no fim de contas. Raras são as excepções.

Coimbra.

Abril: 25.

Deixo aqui por curiosid.e cópia da carta que dirigi ao dr. Alberto Bauté da Veiga, com agradecimentos e consolações. Depois de a escrever pareceu-me q. fizera um modelo de epistóla — p.a uso das autópias...

«.... Que lhe hei-de eu dizer depois dos dias passados em Góis, rodeado de atenções e consideração excessivas? Agradecimentos? Palavras conhecidas que facilm.te se encadeiam dentro das formulas de cortesia? O meu excelente Amigo e a familia Paula Nogueira mantêem ainda (e felizmente) a velha e boa tradição de hospitalidade que se exerce com tão intima e despreocupada sinceridade que exclue qualquer ideia de reconhecimento.

«Não quero, pois, magoa-los e só quero fazer-lhes saber quanta satisfação tivémos com essas derradeiras horas da festa e dar-lhes a certeza de que os nossos votos são pelas felicidades dos filhos e pela boa saude e longa vida de todos.

«E' certo que festas assim [1] não são de completa alegria porque implicam separação embora voluntaria ou consentida; mas, meu caro dr. Baeta: assim como na Natureza ha constantes compensações, assim nestes casos, o que se perde em filhos ganha-se sempre em netos; e quando se ganham ne-

---

[1] Ver atraz pag. 98.

tos como essa galante Maria Emilia — creio que não ha razão de queixa nem motivo para maldizer da sorte.

« Pois que venham mais netos ou netas desse valor, para alegria da familia e para se não perderem as tradições de bondade e de amizade que são apanagio de todas V. Ecc.as

« Desejâmos as melhores noticias dos "fugitivos" e pedimos os mais sinceros e amigos cumprimentos, etc. »

Está um modelo ou não está?

Coimbra.

Abril: 27.

Apanhei hoje um exemplar d'A Comarca de Arganil, de ontem, no qual vem a noticia do casamento do engenheiro José Baeta da Veiga e uma Nota interessante relativa ao mesmo casamento.

Por curiosidade ficam arquivadas no final do volume.[1] Por curiosidade e p.a lembrança.

---

[1] A pag. 361.

Coimbra

Abril: 29.

Preparei hoje que, ha 50 anos, saiu a publico a minha primeira producção impressa... Vou jubilar, nem mais nem menos.

E não ha por aí uma Academia, uma instituição cultural ou qualquer sociedade recreativa que se lembre de promover uma festa jubilar, uma homenagem?

O que é a Ingratidão e o que é a Injustiça!

Fica porem aqui consignado o meu protesto para a Historia... Não ha em Portugal quem se lembre de que, aos 29 de Abril de 1899 quando em Coimbra se celebrava com estrondo e alegria o Centenario da Rebelda, saiu na Gazeta da Figueira outro dirigida pelo bom e velho Augusto Veiga, um soneto intitulado Narciso e assinado pelo nome um tanto ou quanto arrevesado de Bernardino Prado.

Pois esse soneto era meu!... Sim senhores: escrevi-o com um pseudónimo cujas iniciais eram as do meu nome oficial, por motivo da m.ª extrema, incomensuravel modestia...

Cincoenta anos!

Meio seculo bem contado...

E ninguem se lembra desta data festiva! A Ingratidão da Patria! a Injustiça dos Homens!...

E ponto final.

Coimbra:

Abril: 30.

Carta que mandei ao Luis Alberto de Oliveira: não necessita de prefacio ou explicação:

«... Vais admirar-te, ao receber o correio, de reconheceres a m.ª letra no sobrescrito. Mas tem de ser...

«Ha cinquenta anos, no dia de hoje, andámos nós, vestidos de campinos ribatejanos, montados em rocinantes esquisitos, pelas ruas de Coimbra, á frente do cortejo alegorico do centenario da Santa Sebenta.

«Ha cinquenta anos!...

«Lembras-te, de certo, desses dias de alegria sincera, bem longe ainda de tantos dias tristes por que teriamos que passar. Cinquenta anos!... E já lá vão dois dos

companheiros desse «dia extraordinario», dois bons companheiros caídos ha muito na luta da vida.

«E' triste, talvez, lembrar alegrias passadas; mas hoje, de manhã, ao tomar o meu chá com torradas e ao ver o sol alegre entrar-me pela janela, como a despertar recordações, evoquei sem querer essa epoca e lembrei-me de ti, unico companheiro dessa aventura — e aqui estou a desabafar tristezas.

«Meu caro Luis Alberto: um grande abraço de velho companh.º de esturdia, companh.º de gargalhadas sem tom nem som ao passar em frente de certa casa na Avenida; companheiro de ... Adeante. Respeitemos os cabelos brancos e as rugas impenitentes!...

«Outro grande abraço com votos por longa vida com a melhor saude; e manda o que é, como sempre, etc.»

Unica reacção perante a passagem do 50.º anniversario do notavel acontecimento academico. Os jornais dizem alguma coisa. O Diario de Coimbra tem publicado artigos

curiosos, mais ou menos ensinados pelo Alvaro V.ª de Lemos, Luis José da Mota, Julio Fonseca e não sei mais quem. Não me bateram á porta e foi melhor. Recordei em silencio a alegria desses «extraordinarios» dias e não deixei de sentir os olhos arrazados com lagrimas.

Fraquezas.

Mas ha coisas piores do que estas manifestações de senilidade.

Foram, realmente, uns dias bons, alegres, despreocupados. Quando escrever (se escrever...) as m.as memorias a serio, talvez conte episodios desconhecidos desse tempo.

Coimbra.

Maio: 14.

Aqui fica a copia dum postal para o Alvaro Viana de Lemos, a respeito do mesmo assunto da nota anterior:

«... Li com o maior prazer o teu depoimento acerca do Centenario da Sebenta; li-o com prazer e confesso que com alguma comoção. Fraquezas de velho... Apre

ciei os teus comentarios tão judiciosos como ironicos, especialmente os do final de hoje que valem um poema.[1] Mando-te um abraço neste simples postal; e neste abraço vai a evocação desses dias alegres nos quais, nem por sombras, pensávamos no que poderia acontecer durante estes cinquenta anos passados aos trambuthões. Até muito bréve. Um novo abraço, etc. »

Coimbra

Maio: 17.

Hoje, nova reunião da comissão do centenario de A. A. Gonçalves. Segue a acta:

« Aos 17 dias ... etc. na sala das sessões da Associação dos Artistas, pelas 18 h. reuniram-se os vogais Alvaro V. de Lemos, dr. Antonio da Costa Rodrigues, P.e Antonio Nogueira Gonçalves, B. P., dr. Gumersindo da Costa Lobo e Lourenço Chaves Almeida. Justificou, pessoalmente, a falta o sr. João Ma-

---

[1] Serie de artigos publicados no Diario de Coimbra. A referencia acima é ao do nº 6125 de 14-Maio em que propõe a substituição do S da sebenta por C p.a ficar Cebenta, de cibus, alimento.

chado. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Lida uma carta da Senhora Dona Genoveva de Lima que agradece o nosso ofício colectivo. Procuraram-se impressões acerca da demora que a inauguração, na Escola Industrial Brotéro, do busto de Mestre Gonçalves, está causando ao encerramento das comemorações centenárias. O director deste estabelecim.to de ensino informou de que poderia fazer-se a sessão inaugural muito brevemente, mas sem fixar a data; e assim foi resolvido que se procurasse o Presidente da Câmara para se explicar as razões do silencio havido até agora e combinar o dia aproximado da sessão final. Ficaram encarregados desta missão os vogais Alvaro de Lemos e B.B. — Resolveu-se, também, que os vogais dr. Costa Lobo e B.B. procurassem o Reitor da Universid.e Y.a o convidar a assistir á sessão final e para lhe agradecer o interesse que lhe tem merecido as comemorações. E não havendo mais nada, etc.»

Estamos quasi no final da tarefa. E não tem sido muito leve, vamos lá. Mas podia ser pior.

Coimbra

Maio: 22

Carta ao Henrique Pires Monteiro que me
rece copia por tratar de assuntos que julgo
dignos de ficarem lembrados:

«. . . . Recebi a sua carta em 13 do cor-
rente, ainda vibrante das lições do velho ge-
neral Pereira Bastos, precisamente na altu-
ra em que o meu radio transmitia a voz
dum bispo qualquer que exaltava as virtu-
des da Sr.ª de Fatima e chamava a sua aten-
ção misericordiosa para as miserias que
vão por este mundo fora.

«Ora veja o que são os contrastes...

«Quiz responder logo, principalmente
para lhe pedir que se não incomodasse com
o codice das Linhas de Torres — mais desde q.
se não lembra, eu tentarei descubri-lo por
tentativas de maria especie. Dias depois ou-
vi-me á mesa com este mesmo papel
em frente para lhe escrever; era dia de São
Pascoal, o simpatico S. Pascoal Bailão que
o nosso Garrett evoca no seu Alfageme co-
mo protector de bailados alegres. Quis, po-
rem, a sorte que caso urgente me não dei-

1670

xasse começar. Seguiram-se dias muáus para mim quer por trabalhos aborrecidos quer por mal-estar físico agora m.to frequente; até que hoje, já noite, com o bairro sossegado e a casa adormecida, tenho que escrever — tanto mais que o nosso amigo Pinto da França estêve aqui á tarde a conversar e me leu a sua carta em q. a m.a pessoa é posta em termos que não além do exagero.

«Tenho de rogar a S.ta Rita de Cassia q. o calendario, ao lado, me diz ser celebrada hoje pela Igreja, que dê ao meu Adm.º mais um bocado de noção das proporções.

«Ora vamos ao caso da Revista.

«Recebi o aviso para a sessão de assembleia e respondi em carta para o 1º Secretário solicitando a dispensa e apresentando cumprimentos. Quando o Pinto da França veiu já a carta fôra deitada no correio. Relativamente á alinea c) do aviso deixou-me algum tanto preocupado: o que haverá por baixo ou por de-traz daquele simples enunciado? Por conversa, em Março ultimo, com o Costa Junior figurei com a impressão de que o ilustre Santos Costa modificára a sua atitude para com a Revista.

21-7

«Porquê?... É necessario admitir, pelo metodo das probabilidades, que a invenção não seja sua — pois lá diz o ditado que o Diabo ruim sempre chega cedo a hora boa; mas Vossencia é necessario estar sempre de pé atraz com tais figurões... De modo que a conversa com o Pinto da França virou e revirou estes aspectos do caso e concluímos que não sabendo nós, verdadeiramente, do que se tratava e qual será a posição da Revista perante o Grande Homem, seria arriscada uma representação q. corresponderia sempre a uma afirmação. E nós não sabiamos o que poderiamos afirmar.

«Aqui tem pois os motivos que me levaram a não rectificar a carta lançada no correio; e como o Pinto de França se julga já demitido de societario, não teriamos que fazer declaração colectiva. Eu espero conhecimento do que se passa amanhã p.ª dar a minha opinião se vir que é oportuna ou necessaria. Não acha q. foi a melhor solução?

«Depois de duas horas de boa e sã palestra com o França, em que a sua pessoa e as suas intenções foram postas nos ele-

vados termos que, com justiça, merece, nós não vimos outra saída para o problema que possivelmente começa a entrar em nova fase de agudêza inquietadora. A ver vamos.

«Na sua carta ha, até, um passo sibilino: "Da nossa Revista não lhe falo. Os factos falarão..." que me fez lembrar a celebre fraze desalentada de Albuquerque para o magnifico D. Manuel. Por tudo, pois, a m.ª atitude terá que ser discreta e de certo a que tomei será a consentanea com o melindre proprio do momento.

«A noite avança. Uns foguetes de estrondo dão-me conta de que os rapazes e raparigas escolares se divertem ainda no jardim á beira-rio, como quem se prepára para a vida seria...

«Mal sabem eles, coitados, o que é a vida seria!...

«Vou pôr ponto final. São horas. Dá-me sempre m.to prazer com as suas noticias e creia-me, etc. etc.»

Trata-se ainda da celebre denuncia do acordo de 1905 feita pelo ilustre ministro

Santos Costa, caso de que, creio eu, tratei aqui largamente na devida altura e de q. conservo os documentos em sobrescrito especial — para memoria.

Coimbra.

Maio: 28.

Mais um aniversario... Este é o vigessimo terceiro. E continua.

Estamos arranjados.

Coimbra:

Maio: 29.

Ontem, o Octaviano de Sá, na sua secção «A' Esquina de Sansão» do jornal O Despertar, a proposito do arco de Almedina onde ha um recanto que ainda serve de ourinol, diz o seguinte que aqui fica em recorte para memoria:

> O canto, ou recanto, do muro que volta do antigo edificio da Escola Livre das Artes do Desenho — quando é que o reocupa?! — para o Arco de Almedina, presta-se a mictorio e disso tem abusado alguns individuos que não teem noção, pelo menos, do decôro.

Ora isto vem no nº. 3251 daquele jornal saído ontem. Está na 1ª pagina e na coluna da direita. E a pregunta está mesmo a ver-se que é do safado que exactamente procura evitar que a Escola Livre reocupe a casa que

lhe pertencia. Ele a escrever a frase e certamente a rir-se, calculando o repára que nós lhe fariamos.

E calculou bem. Com a diferença de que nós não darêmos sorte e apenas fazêmos o comentario ajustado ao seu caracter — ou antes á sua falta de caracter.

Por mais voltas que dê ha-de ser sempre o mesmo safado que eu conheci em novo, o mesmo garôto indigno dum aperto de mão sincero.

Adeante.

Coimbra.

Maio: 30.

Fui hoje, com o dr. Gumersindo da Costa Lobo, á Universid.e convidar o Reitor para a sessão final das comemorações do centenario de Ant. Aug. Gonçalves.

Como das outras vêzes, recebeu-nos muito bem e repetiu a afirmação da simpatia que tinha pelas homenagens, e prometeu ir á sessão salvo caso extraordinario impeditivo.

A' minha frase relativam.te ao facto de as comemorações não serem o que de come

ço projectamos, ele teve um tiqueiro encolher de ombros e disse que entrepára a realização da cooperação universitária (que então dia deixar fazer-se) á Faculd.e de Ciencias; esta, não sabia por que razões, entendeu o contrario... E teve outro encolher de ombros, ao mesmo tempo que lançou sobre a mesa com ar de enfado, uma faca de papel em que estava a mexendo.

A Faculd.e pelo que nos parece, contrariou o Reitor; e eu penso que o Reitor, naturalmente, vendo-se contrariado, se limitou a encolher os ombros como duas vêres fez deante de nós.

Bons tempos, bons tempos!

E apesar, vamos a ver se ele irá á sessão final.

Coimbra

Junho: 11.

Ontem, na Escola do Exercito, houve leição de espadas...

Coisa nova, creio eu. Grandes inventores são estes homens do Estado Novo!

O Trindade Salgueiro leu e largou serrão. E que serrão!

Ouvi-o pela radio, cheio de apostrofes ao Patriotismo e á Impiedade, á Religião e ao Comunismo, ao Dever e á Indisciplina, etc. etc. Para os primeiros a benção divina, p.ª os segundos as iras do Inferno.

Teremos ainda pr.to que ver.

Coimbra.

Junho: 12

Hoje, na Escola Industrial Brotero, fez-se a inauguração do busto do Ant.º Augusto Gonçalves. Sessão modesta mas com elevação e significativa.

Gostei. A alocução do director, engenh.º Armando Vianna da Rocha, foi boa; deu a impressão bem clara do que foi Gonçalves como impulsionador da Arte industrial, como professor e como homem de caracter. Foi, na verd.e, um retrato digno; e é para notar que partiu de creatura agarrada ao actual estado de coisas e que mal conhecia o retratado. Contudo vê-se que é homem probo e que realmente sentiu ainda o prestigio do velho Gonçalves e que verificou honestamente a sua acção tão meritoria.

Foi exposição interessante por todos os motivos. Fiquei fazendo deste homem um outro conceito.

Quanto ao busto, parecu-me bem. Ou ter inaugurou-se no que está no cemitério feito pelo Costa Mota Sobrinho — e foi bastante feliz na execução.

Coimbra

Junho: 13

Dia de S.to António. Sha dez anos, dia por dia, fui promovido no Estado-Maior na fila final para o Generalato.

Não me envergonho.

O Generalato!... Creio que estou ripado, de ha dez anos a esta parte, com os ilustres generalecos promovidos.

Ao menos, lembrando a data, consolo-me com a ideia de que os instrujei, constantemente, em Caxias.

Eles tinham-me em grande conta; e essa conta, estou convencido, era quasi toda arquitectada sobre a inferioridade do muito ilustre corpo docente.

Seria ou não seria assim. O máu humôr é máu conselheiro.

Dez anos... Nestes dez anos deixei fo-
ra, ainda assim, certos trabalhos que va-
lem, de certo, mais que as celebres decisões
ou ordens com que essas notabilidades d
nosso Estado-maior julgam subir ao Ca-
pitólio.

Que tenham m.ta saude!...

Coimbra.

Julho: 17

Carta ao Alberto Meira, do Porto, que
fica copiada por curiosid.:

«... Li, com o maior interesse, o arti-
gozinho que V.. me dirige no ultimo nume-
ro de O Tripeiro[1]. Muito e muito grato pela
maneira com que me trata e até como me
fez recordar, com tão amavel e risonha
forma, a m.ª passagem, ha mais de 40 anos,
por Valença do Minho. Não imaginava que
V.. conhecesse tanto a m.ª vida...

«Realmente, o tempo que com «o ma-
gro galão de alferes» de Caçadores passei na
alegre e acolhedora vila, foi do que conto co-

---

(1) Vol. V, n.º 1, de Maio de 1949.

mo melhor na minha já adeantada existên
cia. Mas adeante. Muito e muito obrigado
por tudo.

«Como V... se interesse tanto por gravu
ras e gravadores, direi que também fui gra
vador em madeira, lá pelos 55 para 57 anos.
Aprendi com um tio materno, discípulo de
João Pedro, que deixou muitas gravuras quasi
todas desenhadas por Mestre Antº Augusto
Gonçalves; e como ficou desconhecido, fiz o
catalogo dos seus trabalhos que muito brevemente vai ser publicado na Revista de Guimarães.

«Estou organizando, também, o catalogo
das gravuras de meu tio paterno Rafael Pi-
mentel que deu causa a este agradavel inci-
dente; é catalogo bastante difícil de fazer pois
o album q. possuo não está completo, foi co
meçado já bastante tarde, segundo julgo. Vou
porem tentar a obra a q. juntarei algumas no
tas biograficas.

«Este meu tio Rafael deixou também tra
balhos de escultura muito apreciaveis e foi
trabalhador infatigavel até idade avançada.

«Diz V... muito bem: os nossos grava-
dores em madeira não mereceram, até hoje,

a devida atenção; é bom, pois, que se lhes dê o devido relevo.

« Não quero tomar mais tempo. Mais uma vez agradeço as "considerações" de V... e, repito, a ligeira e tão agradavel referencia á sempre lembrada Valença do Minho onde nunca mais voltei.

« Queira V... aceitar etc. »

Tambem hoje escrevi, para Celorico de Basto, ao Dr. Rodrigo Rodrigo que me ofereceu um opusculo da sua autoria sobre o Alvaro de Castro. A oferta seria provocada, certamente, pelo Pires Monteiro. Não conheço senão de nome, o dr. Rodrigo Rodrigues, antigo ministro democratico, deputado, governador de Macau, etc. — hoje voluntariamente desterrado na sua aldeia.

« ... Quiz V... honrar-me com a oferta do opusculo relativo ao Alvaro de Castro, valorizado, ainda, com dedicatória manuscrita. Creia V... que fico m.to grato não só pela oferta em si como por se tratar de mais uma homenagem a um amigo que muito presáva e que m.to admirava.

«Vou lê-lo com o maior interesse e afirmo desde já que ficarei com gratíssima impressão, pois tive conhecimento por amigos comuns de que se trata de trabalho de mérito e que honra o malogrado Álvaro com entranhada verdade.

«Queira, pois, V.ª aceitar os meus agradecimentos e com toda a consideração, sou de V.ª dev.º»

Coimbra

Junho: 25.

Veio hoje nos jornais notícia de que, em Lisboa, na Associação dos Antigos Alunos da Escola Industrial Marquês de Pombal, se vai fazer homenagem aos precursores do ensino técnico profissional. E na relação dos precursores vem o nome de Ant.º Aug.to Gonçalves. Já ontem reparára em notícia relativa ao mesmo assunto e nela sintam-me os meus que me não pareceram ter maior direito a celebração.

Pela notícia de hoje, porem,[1] a relação é mais completa e nela se diz que na peças

---

[1] Ver, no fim do vol.º, a pag. 362.

usará da palavra o Raul Esteves dos Santos que versará o tema: O elogio histórico destes homens ilustres...

Vê-se pois que ainda aqui o dêdo do Esteves dos Santos sem o qual o nome do velho Gonçalves não apareceria.

Valha-nos isso.

Coimbra.

Julho: 4.

Finalmente terminámos hoje com as comemorações centenarias "gonçalvinas." E, vá lá, não terminámos mal.

Ao 18 h. descerrou-se a lapide na casa onde Gonçalves viveu ultimam.te e onde morreu. Cerimonia muito simples, o mais simples possivel. Apenas ouvidámos o Presidente da Camara, dr. Sá Oliveira, que apesar de se resolver não haver discursos, pediu licença para dizer duas palavras.

Louvou a comissão e, rapidamente, louvou a resolução de se deixar a pedra comemorativa.

Juntou-se gente e não faltaram aqueles dos velhos amigos que, desde o começo, vêem sempre acompanhado todos os actos

commemorativos com interesse e parece que com sinceridade.

A noite, no salão nobre da Câmara, fez-se a sessão solene de encerramento.

Conseguimos reunir o Governador Civil, dr. Emperio de Lemos, o Reitor da Universidade que se fez representar pelo Dr. Pereira Dias, o director da Faculd.e de Letras e mais autoridades civis e militares. Faltaram as judiciais e eclesiasticas — que verdadeiram.te não fizeram falta.

Achei interessante o facto de, pela primeira vez, as unidades militares se fazerem representar.

A assistencia não excederia umas reduzida (60) pessoas. Fóra das representações oficiais, estavam ainda os nossos velhos amigos, antigos discipulos do Gonçalves e um ou outro "carola." Não se estranhou a pouca assistencia: Antonio Augusto Gonçalves é, para a epoca de hoje, um fossil... Nunca jogou o foot-ball — eis tudo.

A sessão, porem, correu com elevação e dignidade. O Presid.te da Câmara abriu a serie dos discursos: a propria corda de louvores ao Mestre, á Comissão e á ideia que

1680

esta teve de relembrar o insigne Professor; acrescentou apenas alem dos louvores a interpretação do ~~[illegible]~~ substantivo democrata aplicado ao velho Gonçalves a quem chamou um aristocrata da Arte e da Cultura; democrata, se-lo-ia se ~~[illegible]~~ esta palavra se tomar no sentido de trabalhar para o Povo. A interpretação é inofensiva; são coisas q. não tiram nem põem...

Seguiu-se o dr. Pereira Dias como director da Faculdade de Ciencias; falou em nome da Faculdade e leu palavras simples, nem peixe nem carne, antes pelo contrario, etc. e tal, para se não comprometer. E a seguir leu umas linhas do Reinaldo dos Santos, como presidente da Academia das Belas Artes, linhas bem escritas, sobrias, sem espalhafatos, para tambem se não comprometer demasiadamente...

Depois, foi para a tribuna o dr. Antonio da Costa Rodrigues ler o trabalho Gonçalves na administração publica. Infelizmente, a epoca não deixa falar claro e o conferente é tambem dos que não vão muito adeante do que as circunstancias impõem. O assunto era excelente e o Costa Rodrigues deu umas

pinceladas curiosas, de retrato melhor ou pior copiado; mas fiquei com a impressão de que teve medo de entrar a valer no têma, de que teria rodeado certos passos escabrosos para não molestar muito a assistencia oficial — e lá veiu com o velho e estafado bordão da amizade do bispo Basto Pina, da concordancia de intenções, de comprehensão mutua... O que veiu a ser uma lenda como qualquer outra, lenda que eu desfaria de boa vontade se não houvesse a censura e não corresse os perigos inerentes á afirmação de verdades.

Eu disse ao Costa Rodrigues que deixasse o bispo descansado no rico mausoleu da sua repousa; mas ele não quiz deixar de o trazer á bulha, como uma especie de passaporte de bom comportamento ou atestado de bons costumes. Estes 20 anos de ditadura clerical teem amolgado muito as esporinhas.

Fechou a sessão o Governador Civil, o dr. Cerqueira de Lemos que disse solenemente umas palavras justas e possivelmente sinceras. Foi, talvez, o melhor de todos quanto ao valor das palavras e á clareza dos intuitos.

E assim, em 1 hora e 15 minutos se encerraram as comemorações centenarias —

com dignidade e certa elevação. Não se poderia fazer melhor. E mesmo para o que se fez, foi mister muita cautela e muita astúcia.

Creio que se não conseguiria mais se não nos rodeássemos de todas as cautelas e precauções para levar a bom termo esta coisa simples mas quasi paradoxal: em regime de Estado Novo, de ditadura clerical e de intolerancia policial, comemorar-se o primeiro centenario do nascimento dum homem que foi verdadeiramente um incansavel publicista, um rijo anti-clerical e um intransigente democrata liberal.

Isto é: glorificou-se um individuo em tudo contrario ao regime que corre; fez-se-lhe um busto numa escola oficial; deixou-se uma lapide numa casa e as mais altas autoridades do regime vieram com dificuldade esparzir flores de retorica em sua memoria...

Foi, na verdade, um triunfo que a comissão alcançou embora o que se fez ficasse muito aquem do que se projectou.

Mas, enfim... Gloria ás Manhas e ás Cautelas!...

1682

Coimbra.

Julho: 8

Reuniu-se hoje a comissão do centenário. Segue a acta:

« Aos 8 dias..., elé. na Sala das sessões da Associação dos Artistas, pelas 18 h. reuniram-se os vogais Alvaro V. de Lemos, dr. Gumersindo da Costa Lobo, Lourenço Chaves Almeida João Machado e B. S. Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Foi lida a correspondencia q. constava dum oficio da Casa de Coimbra em Lisboa saudando a comissão e pedindo ao sr. dr. Costa Rodrigues para a representar na sessão final; e de cartas da Snr.ª D. Mécia Gonçalves Simões escusando-se, por doença, de comparecer e do sr. empenheiro Silva Pinto explicando a ausencia ás sessões por muitos de trabalhos profissionais. — Foi a seguir proposto um voto de congratulação pelo exito das comemorações que, embora reduzidas no desenvolvimento, tiveram certo cunho de dignidade e elevação em todos os seus actos. Tambem foi aprovado um voto de louvôr e agradecimento ao vogal sr. João Machado pela fac. Viera de Lafrde e pela oferta do seu trabalho. —

Foi ainda aprovado outro voto de louvor ao sr. director da Escola Brotero, engenh.º Viana da Rocha pela realização da sessão em q. foi inaugurado o busto do A. A. Gonçalves que fica sendo, com a lapide executada pelo sr. João Machado, a mais perduravel lembrança do centenario. — O sr. dr. Costa Lobo e B. P. informaram de que foram pessoalmente apresentar os agradecimentos da comissão ao sr. Governador Civil e á direcção da Associação dos Artistas a hora em q. estava reünida a sua direcção; e de que amanhã ou depois farão os agradecimentos ao sr. Presid.te da Câmara, ao sr. Reitor da Universidade e ao sr. director da Faculd.e de Ciencias, dr. Pereira Dias. — O vogal B. P. propoz que se enviasse um officio ao antigo ministro Henrique Pires Monteiro, saudando-o como o ministro q. fundou em Lisboa a Escola de Ceramica de Ant.º Aug.to Gonçalves e como o homem que sempre votou ao Mestre grande admiração e se teve interessado constantemente pelas commemorações centenarias; foi aprovado. Resolveu-se por fim que o estudo e realização da publicação na qual se reunissem as conferencias feitas, os dis-

cursos pronunciados, os artigos comemorativos, etc. ficassem para Outubro prox.º quando nos reunissemos novamente depois de férias. Neste sentido resolveu-se solicitar do sr. P.e Nogueira Gonçalves a organização do catalogo da exposição realizada no Museu de Machado de Castro para ser incluido no volume; assim como sondar o sr. Rocha Madaíl acerca da sua possivel colaboração na bibliografia dos artigos e estudos dispersos do Mestre. E não havendo mais nada... etc.»

Volta o Madaíl á batha... Veremos se ele, agora, se humaniza. Caso continue na negativa, terei eu que me lançar ao trabalho de fazer a bibliografia dificil dos dispersos?

E' possivel. Tudo é possivel neste mundo. E ninguem, verdadeiramente, sabe p.ª o que está reservado...

Coimbra

Julho: 9.

Fui hoje ao consultorio do Poeta Miguel Torga (o medico dr. Adolfo Rocha) por causa da m.ª faringite e dos meus ouvidos.

Pobre Poeta!... A ter de lavar ouvidos e de espreitar gargantas...

Mas, enfim: depois do tratamento e de me sossegar quanto á possibilid.e de agravamento dos males, ficámos á conversa.

Esta começára com algumas considerações acerca da velhice, enquanto a agua aquecia para a lavagem. O Porga era de opinião que a velhice é um estado de serenidade e quietação que tem seus prazeres. Eu lembrei os louvores de Cicero e de Seneca...

— Sim, é certo... Mas Seneca via a decadencia fisica como estoico e como tal achava consolação nos proprios males.

— Mas Cicero, sr. doutor, observei eu, não era estoico. O tratado De senectude parece mais exercicio literario do que justificação para as fraquesas da idade.

Ele olhou-me com os seus olhos esverdeados, penetrantes, como de quem se admirou do estranho caso de um coronel na reserva ter opinião acerca de Cicero e de Seneca. Eu continuei com as m.as considerações e cheguei ao ponto principal: o receio dum deslaçamento cerebral que levasse a transigencias imbecis, a infantilidades, a

conversão religiosa — todas essas traições das desgraças que sucedem a quem já não tem acção sobre os seus actos.

O Miguel Targa reflectia ou parecia reflectir... Veio á baiha o Guerra Junqueiro, veio o Gomes Leal; e nervosamente, abriu um armario onde havia rimas do 4º volume do Diario e tirou um deles para me referir o que mais ou menos escrevera sobre o assunto: a sua larga tolerancia e indulgencia para com essas fraquezas finais, que ao seu espirito pareciam a logica consequencia de certas vidas.

— Bem vê, sr. cor.l: a puericidade é, em regra, irreverente, revolucionaria, exaltada; a idade viril vai perenamente vê os problemas, encara a vida com decisão mas com mais conhecimentos; a velhice é já uma quadra de renuncia, de tranquilid.e, que procura o repouso e muitas vêzes leva á negação do espirito de irreverencia com que se começou... Eu não me insurjo contra essas conversões que, afinal, não teem significação...

E depois duma pausa e dum gesto vago, na direcção da janela:

— Olhe o desgraçado Gomes Leal... Que havia ele de ser no fim da vida senão o desgraçado que foi? O que significa a sua conversão?... Olhe, sr. cor.l, que a Igreja não deitou foguetes com a conversão dum homem imbecilisado...

E a conversa, ou antes o monologo, seguiu sempre em termos elevados, resonante de tolerancia, de bondade e de compreensão. Eu ouvia-o calado.

— Eu sou Poeta, continuava ele. Estou a falar a um homem de mentalidade diferente mas que sei capaz de me compreender. O sr. cor.l é um historiador, por consequencia um espirito de analise, de investigação paciente, proprio para esperar a confirmação duma hipotese; eu sou um homem de sintese, do momento presente, de observação rapida. As minhas notas são curtas, apanhadas quasi ao acaso...

Não garanto a fidelidade dos termos, mas creio que reproduzo com a melhor compreensão e com a possivel verdade, o que ia ouvindo. E a conversa terminou, depois de meia hora, alem da consulta, com uma espécie de consolação:

— Não tenha receio da velhice, sr. cor.l. Eu sei, como V... mantenho uma vida como a sua, não deve ter medo do declinar das forças ou do avanço da idade...

E terminou com certas amabilidades que não sei se seriam sinceras se para dar remate agradavel á conversa.

O certo é que rim um tanto ao quanto atordoado. Aquele rapaz é, na verdade, extraordinario. A elevação que imprimiu ás suas palavras impressionou-me. E o seu espirito de larga tolerancia ficou-me gravado. Enfim, uma pessoa cheia.

Os ouvidos e a garganta passáram a plano secundario; a lição de tolerancia e de comprehensão elevada do mundo é que valeram. Ainda bem que precisava dos ouvidos tratados e que desconfiava da faringe.

Grande manhã, a de hoje!

Paz: Mafra.

Julho: 13.

Aqui estou, outra vêz, nesta incomparavel pasmaceira e, neste momento, a pensar nas novidades colhidas ha dias em Coimbra.

Trata-se, nem mais nem menos, do que da conversão ao catolicismo do Vitorino Nemésio, da retractação do Silvio Lima e da possivel evolução num ou noutro sentido do Paulo Quintela.

Três novidades que me deixaram abalado e, verdade, verdadinha, um bocadinho admirado. Com franqueza, estava longe destes desenlaces...

Ingenuidade minha?

Boa-fé?

Talvez um pouco de tudo.

Mas vamos lá resumir o que apreendi, de origem séria e bem informada.

O Vitorino Nemesio, ha anos, depois do seu doutoramento, vendo que não ia a professor da Faculdᵉ. de Letras e aproveitando a estada na Belgica como leitor, internou-se num convento e fez a sua conversão á Igreja Católica, Apostólica, etc. Durante esse tempo de recolhimento escrevia para Lisboa, para o Ministerio, para a Junta da Educação e para conhecidos, em papel com timbre do convento para mostrar bem onde estava residindo e dar sinal da sua reviravolta.

Um amigo, ao pelo menos individuo com quem mantinha as melhores relações literarias, procurou, ainda na Belgica onde se encontrava, evitar o acto. Fez-lhe ver o que esse acto tinha de desagradavel; chegou a dizer-lhe que se realmente ele, Nemesio, encontrasse a sua estrada de Damasco, evitasse os intermediários p.ª a reconciliação, que se dirigisse a Deus directamente, que não profanasse essa reconciliação com intervenções de gente que poderia não comprehender o que havia de sério no seu intimo meu désse espectaculo exterior que redundaria em gaudio para os mafarricos.

Estas solicitações feitas afinal por um livre pensador não deram efeito. O Nemésio fez a abjuração solene dos seus erros e converteu-se á Fé Catolica.

Foi então, depois disto, que veiu a nomeação para professor da Faculd.ª creio até que logo para catedratico.

O bom do coronel Francisco Gomes, sogro do convertido, não sei se teria conhecimento de tudo isto; era, porem, naturalissimo que o soubesse. Lembro-me de que um dia, ele me disse que o Nemésio ao ver a

a fretarição em que estava, escrevera uma carta ao Salazar a expôr a ~~xxxx~~ situação em que o colocáram com a ilegalid.e de certas medidas; nessa carta fazia ver a verdade e reclamava o cumprimento da Lei. E o bom do cor.el Gomes terminava dizendo que o Salazar não responderá mas mandára fazer o despacho, dando assim razão á reclamação.

Pobre cor.el Francisco Gomes!

A carta dirigida ao Salazar vejo agora o que seria. O bom do rapaz ou quiz explicar claramente o acto f.o que eu não ficasse fazendo a má ideia que naturalmente faria do genro ou acreditou q. a nomeação fosse resultante da atitude justiceira do sombrio ditador jesuita.

O certo é que o Nemesio foi nomeado. E como professor já mostrou que sabia pagar a nomeação... O Magalhães Godinho, por ex.o, foi afastado da Faculd.e por ele e um outro cujo nome me não ocorre, foi igualmente afastado.

Vê-se ao menos q. é agradecido.

Agora o Silvio Lima.

Este, por varias vêzes já (sei-o eu) tentou ser readmitido na Faculdade de Le-

tras de Coimbra. Quiz meter nisso, como era natural, o cunhado ministro, Adriano Vaz Serra — mas ~~...~~ nada!

Lastimava-se, carpia-se, mas não conseguia coisa que se visse. Até que um dia...

Esse dia chega sempre.

O sogro, o velho José Antunes Vaz Serra, impôz-lhe a assinatura num largo estendal de papel selado, nem mais nem menos do q. uma retractação formal de tudo quanto dissera contra a Igreja Catolica e em especial contra o cardeal Cerejeira. A prosa segundo parece, era tão dura de roer que o Silvio teve um assômo de pudôr...

Não! não assinava tanto! Com modificações, vá lá! talvez...

Porem o sogro, com intimativa:

— Assine, já lhe disse! O que é necessario é que o sr. tenha, no fim do mês, com que mandar comprar couves para a mulher e para os filhos.

O Silvio, então, sucumbido, assinou o papel que foi, por causa das duvidas, reconhecido devidam.te pelo notario.

A nomeação veiu pouco depois; e o Silvio Lima lá está professôr, vai vulgarmente